

ÁREAS LEXICAIS GALEGAS E PORTUGUESAS: UM NOVO OLHAR PARA A PROPOSTA DE CINTRA¹

Xosé Afonso ÁLVAREZ
João SARAMAGO²

1. INTRODUÇÃO: A PROPOSTA DE CINTRA

Em meados do século xx, Herculano de Carvalho (1953: 301) chamava a atenção para a existência, na língua, de um determinado tipo de vocabulário relacionado com «objectos, actividades e conceitos alheios ou pouco familiares ao habitante dos centros urbanos», permanecendo por isso «alheio às influências possíveis dessa mesma língua comum, que o ignora». Ainda de acordo com este autor, esse vocabulário segue «o seu próprio destino regional, agrupando-se em áreas bem definidas, que se interpenetram, se deslocam e se recobrem mutuamente, seguindo correntes culturais de direcção igualmente definida». Com esta constatação, o filólogo português reconhece que, no estudo de determinado léxico, há que ter em linha de conta factores extra-linguísticos, nomeadamente os históricos e os culturais que lhe estão associados, factores esses que podem condicionar a circulação das palavras e levar à determinação de áreas e centros de difusão lexicais.

Seguindo os caminhos de Herculano de Carvalho, Lindley Cintra publica em 1962 o seu artigo «Áreas lexicais no território português»³ no qual estuda a distribuição espacial das designações referentes a oito conceitos, seis deles relacionados com a criação de

1. Uma versão anterior e reduzida deste trabalho foi apresentada no II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, que decorreu em Évora de 6 a 11 de Outubro de 2009. Este artigo inscreve-se nos projectos *Tesouro Dialectal Português* (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal, PTDC/CLE-LIN/102650/2008) e *Tesoro del léxico patrimonial gallego y portugués. Banco de datos electrónico (corpus gallego) y cartografía automática* (Ministerio de Ciencia e Innovación, Espanha, FFI2009-12110). Para a sua elaboração, X. A. contou com um contrato da Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología.

2. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Av. Professor Gama Pinto 2, 1649-003, Lisboa (Portugal). xoseafonso.alvarez@gmail.com // j.saramago@clul.ul.pt.

3. Estudo inicialmente apresentado no I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia que decorreu na Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil em 1958 e re-editado na sua colectânea *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, em 1983.

gado e outros dois escolhidos por ele por apresentarem uma repartição semelhante àquelas: (i) ‘ordenhar’; (ii) ‘úbere da vaca’; (iii) ‘soro’; (iv) ‘(fêmea) estéril’; (v) ‘cria da ovelha’; (vi) ‘cria da cabra’ (conceitos relacionados com a criação do gado); (vii) ‘maçaroca’ e (viii) ‘queixo’. O material linguístico que lhe serve de base é aquele que o autor recolhera, em companhia do galego Aníbal Otero, para o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), em 77 localidades do território continental português, entre 1953 e 1954. Face à relativa fraca densidade da rede de pontos, Cintra (1962: 58) tem o cuidado de alertar para o facto de uma rede dessa natureza apenas permitir «uma localização e delimitação aproximada das áreas dos vários tipos lexicais»; observa igualmente que, no caso em que alguns dos conceitos são designados por um «grande número de tipos vocabulares, não é impossível que deixe escapar entre as suas malhas um ou mais de entre eles ou que deixe de assinalar uma área pouco extensa de determinada designação». Comentaremos no nosso trabalho vários aspectos da proposta de Cintra que são, precisamente, consequência destas circunstâncias.

O filólogo lisboeta delimita, com base nesses conceitos, três grandes áreas, que nós sintetizámos no mapa 1:

1. As respostas obtidas para designar o líquido que escorre do queijo permitiram opor uma área lexical, a norte, cuja designação é de origem latina (*soro*) e uma outra, a sul, cuja designação é de origem árabe (*almece*, e variantes como *almice*, *almécere*, *almícere*).

2. As respostas obtidas para os conceitos ‘fêmea estéril’ e ‘queixo’ permitiram estabelecer uma oposição entre uma área lexical que, de norte a sul do território, ocupa uma faixa ocidental, mais ou menos larga, em que existem formas lexicais mais antigas na língua (*maninha* e *queixo*⁴, respectivamente) e uma outra oriental, com designações mais recentes, provenientes do centro da Península Ibérica: *machorra*⁵ e *barba*⁶.

3. As respostas obtidas para os conceitos ‘ordenhar’, ‘úbere da vaca’, ‘cria da ovelha’, ‘cria da cabra’ e ‘maçaroca’ permitiram, por sua vez, determinar uma oposição entre uma área que ocupa o noroeste e o oeste do Continente, que a Sul não ultrapassa o Tejo e que, regra geral, a Leste, não chega a atingir os distritos de Bragança, Guarda e Castelo Branco, caracterizada pela existência de um vocabulário arcaico ou, pelo menos, mais antigo na língua (*mungir*⁷, *úbere*, *anho* ou *cordeiro*, *cabrito* e *espiga*) e uma outra que engloba todo o Algarve, Alentejo, Beira Baixa, a faixa oriental da Beira Alta e Trás-os-Montes, caracterizando-se esta pela existência de um vocabulário mais inovador e de introdução mais recente (*ordenhar*, *mojo* – com as variantes *amojo* e *amonjo* –, *borrego*, *chibo* e *maçaroca*)⁸.

4. Sob a forma *queixo*, agrupou-se a variante *queijo*, que ocupa uma área de certo modo uniforme.

5. Na área ocupada por *machorra*, não foram individualizadas as respostas de fraca frequência (uma ou duas respostas) que etimologicamente nada tinham a ver com essa designação. Foram elas: *forra*, *sandeira*, *capoa*, *boieira* e *alfeira*.

6. Sob a forma *barba*, agruparam-se as variantes *barbela* e *barbadela*. De igual modo, não se marcou uma pequena área com a designação *papo* que confina com a área de *barba*, no distrito de Braga.

7. Sob a forma *mungir*, agruparam-se as variantes *mugir*, *mongir*, *moger*, *monger*, *munger*, *mojar* e *amojar*. Não se faz igualmente referência a uma pequena área, existente no interior da área de *mungir*, em que o conceito é designado pela perífrase *tirar o leite*.

8. Idêntica opinião é partilhada por Adelina Angélica Pinto (1983), que refere uma área «noroeste-oeste», cujo centro principal de difusão é a região de Entre-Douro-e-Minho, por oposição a uma

Cintra encontra uma justificação histórica para a estrutura lexical que detectou no território português: a área linguisticamente mais conservadora corresponde à zona que, até ao século XII, estava mais densamente povoada e a área mais inovadora àquela que, naquela altura, se encontrava quase deserta e que só a partir desse século e do seguinte começou a ser ocupada com uma população de diferentes proveniências e, como tal, mais propensa a aceitar inovações linguísticas, sobretudo lexicais.

2. OBJECTIVO DO PRESENTE TRABALHO

A nossa pretensão principal é comparar os dados apresentados por Cintra com outros materiais dialectais portugueses recolhidos em épocas diferentes, de modo a tentar determinar possíveis alterações diacrónicas na extensão territorial daquelas áreas e, também, referir a possível existência na língua de tipos lexicais que não foram recolhidos na classificação areal.

Em concreto, examinaremos quatro tipos de fontes, ordenadas cronologicamente:

a) ALPI-30. As recolhas efectuadas para o ALPI por Armando Nobre de Gusmão e Aníbal Otero nos anos trinta do s. xx, interrompidas pela Guerra Civil espanhola⁹. Trata-se de 15 pontos que não foram considerados por Cintra e que se situam essencialmente no extremo noroeste de Portugal e nas proximidades de Lisboa¹⁰.

b) ILB. O inquérito linguístico por correspondência realizado pelo Professor Manuel Paiva Boléo, da Universidade de Coimbra, a partir de 1942¹¹. Neste caso, devido ao grande número de inquéritos existentes, fizemos um levantamento parcial, escolhendo, sempre que possível e para facilitar a análise contrastiva, um ponto que também fizesse parte da rede do ALPI ou estivesse próximo. No total, seleccionaram-se 81 inquéritos¹².

c) ALPI-50. Trata-se dos 77 pontos pesquisados para o ALPI por Luís F. Lindley Cintra, acompanhado por Aníbal Otero, para o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), entre 1953 e 1954. Como acima se disse, foi com base neste material que Lindley Cintra redigiu a sua proposta¹³.

outra área designada por «sul-leste», em que a região de Coimbra é considerada como o principal centro de difusão linguística.

9. Nos últimos anos têm aparecido numerosos estudos dedicados a este atlas; assinalamos apenas três, que dedicam atenção destacada à realização dos inquéritos em Portugal: Pérez Pascual (2007), Ricós (2007) e Cortés / García Perales (2009).

10. Correspondem aos seguintes lugares e códigos do ALPI: 200 (Paderne), 202 (Moledo), 203 (Portuzelo), 207 (Marinhas), 210 (Fafe), 212 (Vila do Conde), 213 (Santo Tirso), 221 (Rio de Onor), 245 (Montemor-o-Velho), 262 (Rio Maior), 264 (Almeirim), 273 (Povos), 274 (Almargem), 275 (Alcadibeche) e 276 (Moita).

11. Há numerosas informações sobre o ILB em vários capítulos de Boléo (1974-75), que reproduz, em versão actualizada, trabalhos anteriores.

12. Veja-se, em anexo, a listagem de pontos.

13. Nalguns casos, nem todas as respostas obtidas para alguns dos conceitos foram aproveitadas pelo autor, como será explicado nas secções oportunas.

d) ALEPG. Os materiais do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*¹⁴; em concreto, analisaram-se os dados recolhidos, entre 1973 e 2000, em 176 localidades de Portugal continental.

De modo complementar, empregou-se o trabalho de Dubert e Sousa (2009), que examina as respostas na totalidade da rede do ALPI para os oito conceitos já referidos, o que permitirá situar as áreas portuguesas no seu contexto peninsular. Do mesmo modo, contrastá-las-emos com a situação existente em outros dois territórios: os Açores (na rede explorada para o *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*) e a Galiza (fundamentalmente com base nos dados do *Atlas Linguístico Galego*)¹⁵.

3. COMENTÁRIO DE MAPAS

3.1. 'EXTRAIR O LEITE DO ÚBERE DA VACA'

Neste mapa, Cintra observa duas grandes divisões (mapa 2): no noroeste e oeste de Portugal (sem ir mais abaixo de Setúbal), os continuadores do latim MŪLGĒRE 'mungir'; no oriente e sul, os continuadores numa base, mais recente, mas também latina, *ORDINIARE 'pôr em ordem', que se explicaria pelo facto de as ovelhas dos rebanhos terem de ser «ordenadas», em local estreito, antes de se lhes tirar o leite, com a finalidade de facilitar a separação entre os animais a serem mungidos e aqueles que já o foram. Na primeira divisão, distingue posteriormente dois grupos, segundo o modelo de conjugação do verbo: o tipo *mungir* e o tipo *munger*; inclui também uma forma, problemática quanto à sua etimologia, que unicamente recolhe em dois pontos, o verbo (*a*)*mojar*. Cintra assinala também a existência, em seis pontos de inquérito, dum terceiro tipo de resposta, a construção perifrástica *tirar o leite*, mas que define como ocasional e pouco significativa¹⁶. Os dados do ALPI recolhidos nos anos trinta não alteram a distribuição areal apresentada por Cintra¹⁷.

Nem na rede do ILB nem na do ALEPG aparecem formas novas, mas verificam-se ligeiras alterações em relação à proposta de Cintra (mapas 3 a 6):

14. Descrito, entre outros, por Saramago (2006).

15. Apoiar-nos-emos, para este propósito, nos trabalhos de Dubert e Sousa (2002) e Saramago e Bettencourt (2004).

16. A realidade na rede do ALPI-50 é um pouco mais complexa do apresentado por Cintra, pois há vários pontos em que existe conhecimento passivo doutras respostas. Assim, em 209 (Brito) usa-se *tirar o leite*, mas conhece-se também *munger*, forma que não apareceu de modo espontâneo e que possivelmente será um termo caído em desuso; do mesmo modo, em 259 (Espite), o informante responde *tirar o leite* mas reconhece a forma *ordenhar*. Em 239 (Castendo) e 257 (Mendiga) *ordenhar* foi a resposta obtida, mas o informante conhece «de fora» *amojar* e *amogir*, na primeira localidade, ou *mongir*, na segunda.

17. Apenas 264 e 276 apresentam uma resposta do tipo *ordenhar*, enquanto nos outros lugares da rede temos os continuadores de MŪLGĒRE, seja na segunda conjugação (202, 207, 212, 213, 262), seja na terceira (200, 203, 210, 221, 245, 273, 274, 275).

— As duas designações maioritárias são, sempre, os tipos *mungir* e *ordenhar*, cujas áreas têm, aproximadamente, a mesma extensão, mas apresentando algumas diferenças quanto à sua delimitação, especialmente no centro do território, onde observamos, na confluência dos distritos de Santarém, Castelo Branco e Leiria, um forte retrocesso dos continuadores de MÜLGÈRE, acompanhado duma expansão assinalável de *ordenhar*. Esta mudança ocorre também na península de Setúbal, enquanto no resto de Portugal as alterações são ligeiras.

— Na rede do ALEPG, aparecem respostas do tipo *mungir*, embora minoritárias, no oeste do distrito de Braga, zona que conhecia apenas as formas perifrásticas no ILB e na rede de Cintra. Não parece que se trate duma expansão moderna, mas um efeito da existência dum rede mais larga, pois já nos inquéritos do ALPI-30 se recolhera *munger* em Marinhas, ponto costeiro do distrito de Braga.

— Os pontos do ALEPG situados dentro da área compacta de *ordenhar* que Cintra desenha para o Sul de Portugal apresentam duas outras ocorrências (uma delas sugerida ao informante pelos inquiridores): *mongir* e *mungir*, nos distritos de Beja e Faro, respectivamente. Como no caso anterior, a presença destes vocábulos não se deve a uma inovação recente, mas sim a uma circunstância de carácter prático: a rede do ALEPG é muito mais densa do que a do ALPI no sul do território – por exemplo, o ALEPG conta com 16 pontos para o distrito de Faro, enquanto Cintra analisou apenas 6 – e é normal que registre formas que uma rede de malha mais larga deixou passar.

— Pode observar-se um retrocesso acentuado na área ocupada pelos descendentes de MÜLGÈRE na segunda conjugação (*moger*, *muger*, *munger*,...), que, em apenas 30 anos, desapareceram completamente dos distritos de Coimbra e Leiria.

— Por último, assinalemos a maior presença, no ALEPG, da resposta perifrástica *tirar o leite*, recolhida em cinco co-ocorrências com o tipo *mungir*, em duas ocasiões com *ordenhar*, numa ocasião com as duas formas anteriores e, como resposta única, em onze casos (mormente, em áreas que, antigamente, tinham um continuador de MÜLGÈRE).

No que diz respeito à Galiza, Dubert e Sousa (2002) comentam que só se conhecem os continuadores de MÜLGÈRE e referem algumas formas perifrásticas do tipo *sacar o leite*, no SO do território, na costa de Pontevedra. É interessante notar a continuidade geográfica bem definida que existe entre o *monxer* galego, confinado na metade sul da província de Pontevedra, e o tipo *monger* português, presente apenas no noroeste, num rectângulo limitado, nos inquéritos do ALEPG, pelos distritos de Aveiro, Viseu e Vila Real. No território açoriano a situação é distinta, pois é a designação inovadora *ordenhar* a mais difundida no arquipélago (foi recolhida nas nove ilhas), se bem que não em todos os pontos: *mungir* foi recolhido em três localidades e *tirar o leite*, em quatro. Ambas as formas aparecem em co-ocorrência com *ordenhar*, com excepção para uma das ocorrências de *tirar o leite* que é forma única.

A distribuição geográfica das respostas confirma a maior antiguidade dos continuadores de MÜLGÈRE, já assinalada por Cintra. Em primeiro lugar, constata-se nos dados do ALPI para o conjunto da Península Ibérica (Dubert e Sousa 2009) que o tipo *mungir* ocupa, na terminologia de Bartoli, duas áreas laterais – em grandes linhas, Galiza e NO de Portugal dum lado e Catalunha, Valência, Aragão e Navarra do outro –, enquanto *ordenhar*, área central, ocupa o resto da Península. Em segundo lugar, na rede

do ALEPG observamos respostas isoladas de *mungir* em territórios hoje em dia dominados por *ordenhar*; estes pontos parecem ser ilhas de resistência diante da invasão desta segunda denominação. Adicionalmente, poder-se-ia tomar em consideração a forma (*a*)*mojo*, outra designação para o úbere, explicada normalmente como substantivo deverbal do tipo *monger/mongir*, que está presente hoje em dia em muitos lugares onde se diz apenas *ordenhar*. Assim, será lógico supor a existência anterior do verbo, agora desaparecido, que permitiu tal derivação.

3.2. ‘GLÂNDULAS MAMÁRIAS DA VACA’

Para este conceito, Cintra identifica duas áreas (mapa 7): os continuadores do latim UBER (*úbere, ubre, ubro,...*) e os vocábulos do tipo (*a*)*mojo* e (*a*)*monjo*, que seriam a forma inovadora e que ele explica – apoiado em Piel – como um deverbal de (*a*)*mo(n)ger*, como já atrás se disse. Enquanto o segundo tipo é a resposta maioritária em Portugal, *úbere* e variantes está confinado, nos mapas de Cintra, a uma área contínua que abrange Minho, o ocidente de Trás-os-Montes, Douro Litoral, o extremo norte da Beira Litoral e uma pequena região da Beira Alta. Fora dessa área, encontra-se em dois pontos limítrofes da Espanha (num caso, mesmo com género feminino) e noutros dois, perto de Lisboa, em Mafra e Cartaxo. Os dados do ALPI-30 estão em consonância com os resultados do material recolhido vinte anos mais tarde. No que diz respeito aos registos de *úbere* no distrito de Lisboa, eles vêm confirmar que não se trata de resultados isolados, como propunha Cintra, mas delimitam uma área bem definida, formada por quatro pontos¹⁸.

No ILB, este conceito não fazia parte do questionário, pelo que, em consequência, apenas podemos comparar as designações do ALPI-50 com as do ALEPG. As discrepâncias são várias e, como se verá, nem todas justificáveis por mudanças diacrónicas.

Em primeiro lugar, é necessário assinalar que na rede do ALEPG (mapa 8) se documentam cinco designações minoritárias que não foram recolhidas nos inquéritos do ALPI-50:

— Em dois pontos, Moura (distrito de Beja) e Rosmaninhal (distrito de Castelo Branco), aparece a forma *odre* (num deles recolheu-se também *amojo*, mas como resposta sugerida pelo pesquisador), que tem como significado primário ‘vasilha para líquidos feita da pele de certos animais’ e que continua um lat. UTERE ‘cavidade, ventre’.

— Uma forma relacionada semanticamente, *vasilha*, diminutivo dum continuador do lat. VAS ‘vaso’, foi a resposta recolhida em Escalhão (distrito da Guarda). A este respeito, pode indicar-se que, nos inquéritos do ALPI-50, recolheu-se uma vez, no ponto 280 (Alandroal, distrito de Évora), a resposta *vaso*, em co-ocorrência com *amojo*, a designação principal e, por isso, a escolhida por Cintra, que não refere a existência da outra resposta.

— Em dois pontos de Bragança e Viseu, respectivamente, existem respostas mais genéricas, *tetas* e *mama*, designações comuns às fêmeas de qualquer mamífero.

18. Em concreto, documentaram-se nos primeiros inquéritos do ALPI respostas do tipo *amojo* em 262 (Rio Maior), 264 (Almeirim), 273 (Povos) e 276 (Moita); *úbere* em 274 (Almargem) e 275 (Alcá-dibeche), que completam os resultados achados em 263 (Cartaxo) e 272 (Sobreiro) nos anos cinquenta.

— Por último, assinalemos a forma *aparelho*, que foi recolhida no extremo norte do concelho de Bragança, em Lanção, e que também aparece num ponto galego, no sul da província de Pontevedra; esta palavra polissémica é derivada do verbo *aparelhar* (do lat. *APPARICULARE, dum lat. clássico APPARARE ‘preparar, fornecer, equipar...’).

No que diz respeito à distribuição geográfica das duas respostas principais (mapas 9 e 10), constatamos que não existem grandes discrepâncias entre as duas redes; porém, podemos fazer duas observações:

— Na rede do ALEPG existem já registos do tipo *amojo* em Braga, Porto e Vila Real, o que dá a ideia de que possivelmente continua o processo de expansão desta forma. Porém, tenha-se presente que estas novas formas não substituem a tradicional resposta *úbere* (que não retrocedeu, como se constata no mapa 10), mas instauram uma situação de alternância, em vários casos até no mesmo ponto.

— Como acontecia com *mungir*, a maior densidade da rede do ALEPG permite detectar respostas do tipo *úbere* no sul do território, por exemplo em Encheirim (Faro), onde alterna com *amojo* ou em Porteirinhos (Beja), onde também se apanhou *amojo*, mas desta vez como resposta sugerida.

A diferença do caso anterior, em que *ordenhar* era uma resposta inovadora que dominava na Península Ibérica, a forma *amojo* está praticamente limitada ao português e o tipo mais tradicional *úbere* (masculino em galego e português e feminino em espanhol) é dominante no território peninsular (Dubert e Sousa 2009). Na Galiza, existem apenas três casos de *amojo*, recolhidos para os inquéritos do ALGa no extremo ocidental da província de Zamora, confinantes com a área portuguesa e que continuam também em falas asturianas e leonesas (veja-se DGLA, 2004, s. v. *moxal*). Não são, porém, as únicas formas coincidentes na Galiza e em Portugal. Álvarez (2010) estudou as designações do *úbere* nuns inquéritos realizados no ano 1969 – isto é, mais ou menos contemporâneos das pesquisas do ALGa, que tiveram lugar entre 1974 e 1977; neles constata-se a existência, no galego, de várias das respostas minoritárias portuguesas: *aparello* e *odre* em dois pontos da província de Pontevedra e *teta* noutros dois, um em Ourense e outro em Pontevedra.

No que diz respeito aos Açores, verifica-se outra vez uma elevada afinidade com a forma inovadora, pois (*a*)*mojo* recolheu-se na totalidade dos pontos interrogados, enquanto o tipo *úbere* só aparece, como co-ocorrência, em quatro localidades.

3.3. ‘PARTE AQUOSA QUE SE SEPARA DO LEITE UMA VEZ COAGULADO’

Para este conceito, Cintra delimita duas áreas (mapa 11), a de *soro*, designação latina conservada no norte e na maior parte do centro do país, e a de *almece*, de étimo árabe, que conta com as variantes *almécere* e *almícere*. Na sua rede existe também uma ampla área (os actuais distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto) em que não se documentaram respostas para este conceito, por ser pouco frequente o fabrico do queijo nessas regiões; mas, como veremos, trata-se de um vazio relativo.

A primeira observação a fazer é que o mapa de Cintra e os seus breves comentários não fazem justiça completa à variedade lexical existente na rede do ALPI-50:

— Em três pontos¹⁹ aparece uma forma *atabefe*, sempre em alternância com *almece*. Em 270 e em 278 indica-se que existe uma diferença, pois o *atabefe* é o *almece* fervido e mexido. No ponto 267 aparecem as duas respostas em pé de igualdade e sem especificações, razão pela qual não é possível excluir, *à priori*, que nesse ponto se utilizem como sinónimos. De facto, no seu estudo sobre os dialectos alentejanos, J. Leite de Vasconcelos assinalou estes dois termos como equivalentes (Vasconcelos 1896: 55).

— Em Monte dos Sapos (Beja, ponto 286) e em Santa Justa (Faro, ponto 287) recolheu-se a forma *chorrilho*, que será comentada mais abaixo. Nas duas localidades indica-se que o *chorrilho* é o soro antes de ferver; depois de fervido e acrescentado com um pouco de leite, torna-se *almece*. Cruz (1991: 351-352), que estuda a fala de Odeleite, indica que o líquido que se separa do leite depois de coalhado é o *chorrilho*, com o qual se faz o *almece* «soro do leite que escorre do cincho misturado com pedacinhos de coalhada e leite, e que depois de fervido serve para comer».

— Em São Matias (Évora, ponto 279) indica-se que o líquido que sai do queijo é o *chibio* que, depois de ferver, dá o *almece*.

— Em Mendiga (Leiria, ponto 257), Cintra cartografou a existência duma dupla resposta *soro* / *almece*. Consultando o caderno de inquérito, pode constatar-se que, embora as duas tivessem sido recolhidas, a resposta preferida nesse ponto era *soro*.

Os inquéritos de ALPI-30 estão de acordo com a distribuição territorial de vinte anos mais tarde; a única divergência saliente é o registo de duas respostas dentro da ampla área do NO que Cintra deixou em branco: em Moledo (Viana do Castelo, ponto 202) e em Portuzelo (Viana do Castelo, ponto 203) foi recolhida a forma *soro*. Nesta última localidade é explicitado que se trata do líquido que escorre da manteiga e não do queijo.

Também o ALEPG e o ILB (mapas 12 e 13) têm registos – de *soro* e, num caso, de *água* – nessa área vazia na rede de Cintra. Outras formas, ausentes do mapa de Cintra, estão referenciadas e concentradas, na sua maioria, no centro e sul de Portugal, lugares em que a rede do ALPI é mais larga. Por razões de espaço, comentaremos apenas os cinco principais tipos, tendo em conta a sua vitalidade (entre as respostas minoritárias assinalamos o já comentado *atabefe*, acompanhado por *colostros*, *mesinha do leite*, *repisa*, *salmoira*, etc.):

a) O primeiro grupo de novas respostas é constituído por formas que aparecem tanto na rede do ALEPG como na do ILB. No Sul, especialmente no sueste, destaca-se a presença da forma *chorrilho*, a que já nos referimos, derivada de *chorro*, variante da forma mais frequente *jorro*. DCECH (s.v. *chorro*) diz tratar-se de uma forma onomatopaica²⁰. Também no sueste do território, em concelhos limítrofes com a Espanha, existe a forma *rescaldão*, um derivado de *rescaldo*, definido do seguinte modo pelo dicionário de Morais: «soro esverdeado que no fabrico do queijo a coalhada expele nas últimas compressões».

Já sem estarem concentradas numa determinada área, podemos citar duas ocorrências de *água* (distritos de Évora e Viana do Castelo) e uma do seu derivado *aguadilha*,

19. 267 (Belver de Gavião, Portalegre), 270 (Sousel, Portalegre) e 278 (Grândola, Setúbal).

20. Meier (1984: 92), com a sua reconhecida predileção pela etimologia latina, propõe como étimo um lat. PULLULARE ‘produzir, crescer, estender-se...’ (> *PURLARE > *PLURRARE).

no distrito de Lisboa; essas respostas foram recolhidas também na Galiza, como se indica mais abaixo.

b) Outras duas respostas aparecem também mais duma vez, mas apenas numa das redes estudadas. Nos concelhos de Idanha-a-Nova e de Castelo Branco recolheu-se, nos inquéritos do ILB, em co-ocorrência com *soro*, a forma *travia*, que Morais define como: «*Provinc. alent. e beir.* Requeijão com soro. | *Provinc. alent.* Massa de farelo e bagaço para os porcos»; provavelmente poderia relacionar-se com o substantivo *travo* ‘sabor amargo’; na Foz do Cobreão, ainda no distrito de Castelo Branco, foi *tarabia* a variante recolhida.

A forma *chilro* foi apenas recolhida no ALEPG: uma vez em co-ocorrência no distrito de Faro e três vezes no distrito de Évora – uma vez como resposta única e outras duas em co-ocorrência. Nalguns dicionários esta palavra, para além do seu valor adjectival: «diz-se da água ou do caldo sem substância oleosa, sem tempero» (Cândido de Figueiredo), aparece como substantivo, classificado como provincianismo, com o sentido que aqui temos: «soro que escorre da massa com que se faz o queijo» (Morais).

No que diz respeito ao confronto entre a distribuição areal de *soro* e *almece* no trabalho de Cintra e nas outras redes (mapas 14 e 15²¹), faremos apenas algumas observações:

— A zona ocupada pela forma *almece* é praticamente a mesma no ALPI e no ALEPG, com uma ligeira expansão neste último, sobretudo no distrito de Coimbra.

— No caso de *soro*, como foi dito, tanto o ALEPG como, sobretudo, o ILB, recolhem respostas numa ampla zona em que Cintra não obtivera dados, pois não era corrente o fabrico de queijo. Do mesmo modo, essas duas redes também têm respostas, como co-ocorrências, do tipo *soro* em áreas nas quais, no ALPI, apenas aparece só *almece*; poderá tratar-se de vestígios da designação originária antes da expansão de *almece*. Assinalemos, por último, o forte retrocesso sofrido por *soro* no ocidente de Portugal na segunda metade do s. xx. Praticamente desaparece dos distritos de Aveiro e Leiria, onde Cintra documentara vários casos. No primeiro deles, será plausível que esse desaparecimento possa estar associado à interrupção do fabrico de queijo, pois escasseiam as respostas nesta zona para o campo semântico em questão; no segundo distrito o que se verifica é a existência de *almícere* como forma única, enquanto na rede de Cintra alternava com *soro*.

De acordo com o mapa de Dubert e Sousa (2009), a repartição territorial é similar à do conceito anterior: o tipo inovador, *almece*, nos inquéritos do ALPI, apenas está atestado em território português, enquanto a forma mais antiga, *soro*, é comum aos outros romances peninsulares.

Na Galiza não se conhecem vocábulos do tipo *almece* e, embora seja *soro* a resposta maioritária, existem também outras formas para designar este conceito, como a forma *bira*, procedente do latim de origem grega BUTYRUM ‘manteiga’ e, sobretudo, numerosos derivados de *água*, que também aparecem em território português. Diferentemente do que ocorreu em 3.1. e 3.2., nos Açores é a forma conservadora *soro* que é mais frequen-

21. Neste caso, não se representa o ILB no mapa contrastivo, pois um bom número dos questionários seleccionados para o nosso estudo, especialmente no centro do território, área de transição entre as duas respostas maioritárias, não continham resposta para o conceito ‘soro’ e a representação duma rede tão limitada poderia oferecer uma imagem não consentânea com a realidade.

te: ocorre na totalidade dos 17 pontos da rede do ALEPG. De salientar que, nos dois pontos da ilha de S. Jorge, ela co-ocorre com *almece*; na ilha do Corvo, este último termo designa as gotas espessas de leite que aparecem nas tetas das novilhas quando estão prenhes pela primeira vez.

3.4. 'FÊMEA ESTÉRIL'

Neste caso, Lindley Cintra adverte que o conceito estudado apresenta muitas designações e que, embora no seu mapa estejam representados oito tipos lexicais diferentes, ele, para o seu estudo, centrar-se-á apenas em dois tipos lexicais principais (mapa 16): *maninha*, de substrato pré-romano com sufixação latina, e *machorra*, derivado de *macho*. A primeira das respostas é a dominante no centro e ocidente de Portugal (incluindo o ocidente do Alentejo e do Algarve), enquanto no norte, no noroeste e numa faixa, mais ou menos larga, ao longo de toda fronteira *machorra* é a forma dominante, com eventuais exemplos de *maninha* e a presença de outras formas minoritárias²². Os dados de ALPI-30 estão de acordo com esta distribuição areal²³.

Este conceito não fez parte da rede do ILB, razão pela qual só poderemos contrastar os resultados de Cintra com os obtidos para os inquéritos do ALEPG. Em primeiro lugar, examinaremos os novos tipos lexicais recolhidos para este atlas, com especial incidência no norte do território (mapa 17):

— O termo *asneada* foi recolhido em Fontanelas (Lisboa), não longe de Sobreiro, onde fora igualmente recolhida trinta anos atrás, nos inquéritos de ALPI-50 (cf. nota 22).

— Ao lado dos registos de *boieira* – que, como veremos, são mais frequentes no ALEPG –, neste atlas documentam-se dois registos de *abojada*, em Gondomar das Taipas (Braga) e Covas do Barroso (Vila Real).

— Em dois pontos do território, *machorra* alterna com a resposta perifrástica *não pega*. Em Castelo de Neiva (Viana do Castelo) é especificado que é esta a resposta principal; quando lhe foi sugerido o termo *machorra*, o informante disse tratar-se de uma forma usada muito raramente.

— Para este conceito, em quatro pontos da rede do ALEPG, encontram-se respostas que aparecem apenas numa localidade: *vadia* aparece em Espinho (Aveiro); *códega* alterna em Castro Laboreiro (Viana do Castelo) com *corrida*, que é a forma mais antiga, segundo o informante; *valeira* co-ocorre com *machorra* em Roalde (Vila Real); *desen-carreirada* é a resposta recolhida em César (Aveiro).

— Por último, no Freixial (Lisboa), foi recolhida a forma *marovinha* como resposta única. Eventualmente, pode relacionar-se com *marouval* ou *marouvaz* que Morais diz

22. Temos que precisar que, em Sobreiro (Lisboa, ponto 272 da rede do ALPI), a informação proporcionada no caderno de inquérito é ligeiramente distinta da fornecida por Cintra. *Asneada* aparece como resposta e vem especificado que, confrontado com o termo *maninha*, o informante respondeu que o conhecia, mas que não se utilizava na localidade. A rede do ALEPG confirma-o, pois em Fontanelas, também no distrito de Lisboa, foi *asneada* a forma recolhida.

23. *Machorra* foi a resposta dos pontos 200, 202, 203, 207, 212, 213 e 221. A forma *maninha* foi recolhida em 245, 262, 264, 273, 274, 275 e 276. No ponto 210, Fafe (Braga), aparecem as duas formas.

ser um sinónimo de *patife* e que, entre os seus diferentes significados, tem o de «animal débil, fraco, tímido, covarde», uma ligação semântica aceitável; no entanto, será também tentador associar este termo a outros como o *maronda* galego (veja-se o comentário mais à frente).

No que diz respeito a modificações na distribuição territorial das respostas (mapas 18 e 19), nalguns casos é claro que a mudança se deve à maior densidade da rede do ALEPG, especialmente no Sul de Portugal, que permite a obtenção de mais respostas; noutros casos, é possível que factores de tipo diacrónico tenham influência. Pode constatar-se o seguinte:

— Observamos uma importante expansão de *machorra*, quer para o norte do distrito de Viseu e da Guarda (normalmente na área de expansão aparece ainda em co-ocorrência com outra resposta, na maioria dos casos, *boieira*), quer desde o leste (confluência dos distritos de Santarém, Castelo Branco e Portalegre e, também, nordeste de Leiria).

— A expansão de *machorra* tem o seu contraponto no recuo de *maninha*, tanto no norte como no leste, especialmente nos distritos de Castelo Branco e Portalegre, dos quais praticamente desaparece, assim como do centro e sul do distrito de Lisboa. Para o seu retrocesso, seguramente, não será indiferente o facto de *machorra*, formada a partir de *macho*, ser um vocábulo de significado mais transparente do que *maninha*, que, segundo a explicação maioritária dos etimologistas, remeteria para uma forma de substrato que significava ‘estéril’ e que foi adaptada para o latim como MANNUS e, posteriormente, sufixada.

— A resposta *forra* aparece em dois pontos do distrito da Guarda (num deles como co-ocorrência) e num de Viseu. Pontos esses geograficamente muito afastados da zona mais compacta onde ocorria no ALPI: entre Évora e Beja, ou no ALEPG, entre Beja e Faro.

— Outra discrepância é a maior presença de *boieira* no ALEPG, que passa de um ponto isolado, no ALPI, a ter uma extensão relevante no norte de Portugal, se bem que, frequentemente, como segunda resposta (alterna com *machorra* em cerca de metade dos pontos).

— No ALPI, *alfeira* aparece mencionada apenas uma vez, num único ponto situado no centro do território, enquanto na rede do ALEPG é resposta única em cinco pontos da rede (mais uma co-ocorrência) que se concentra sobretudo no sudoeste do Continente, mas sem formar uma área conjunta e homogénea.

Na Galiza, a forma maioritária é *machorra*, documentada numa área que apresenta continuidade com o norte de Portugal, se bem que existem alguns casos de *maninha* ou *mania*, sobretudo no oriente do território; é possível que historicamente tivessem formado uma área uniforme, antes de que *machorra*, forma originária do centro da Península²⁴ se sobrepusesse à forma *maninha* na Galiza e fizesse retroceder, mais para sul, as portuguesas. No NO da Galiza são bastante frequentes as formas *marroa* e *maronda*, que

24. O mapa de Dubert e Sousa (2009), com dados do ALPI, demonstra que *machorra* é um tipo iberorromânico central cuja expansão, evidenciada pelos dados do ALEPG, continua hoje, ocupando toda a Península, excepto a já referida área de *maninha*, no centro e no ocidente portugueses, uma zona de *maronda* e *marroa* no NO da Galiza e, no que diz respeito ao leste peninsular, uma vasta área de *baciva* e outras, menos extensas, de *forra* e *xorca*.

Dubert e Sousa (2002) relacionam com o lat. MAREM ‘macho’ e que não se registam em Portugal; porém, chamamos a atenção para o termo *marovinha* recolhido no Freixial (Lisboa) e que mereceria um estudo mais aprofundado.

Com respeito aos Açores, nenhuma das designações que ali se recolheram coincide com os dois tipos lexicais principais apresentados por Cintra; apenas a forma *alfeira*, que aparece num único ponto da rede do ALPI e em bastantes mais do ALEPG, foi recolhida em quatro pontos dos Açores, quer para a fêmea estéril, quer para aquela que não ficou prenhe num determinado ano (este tipo de deslizamento semântico é bastante frequente).

3.5. ‘CRIA DA OVELHA’

Tanto esta designação como a seguinte já foram objecto de estudo por Rohlfs (1954), só que de modo insatisfatório, segundo Lindley Cintra. Este constata a existência de três designações, em Portugal, para nomear a cria da ovelha (mapa 20). A primeira delas, a mais antiga, é *anho* (< lat. AGNU), que, segundo os estudos de Rohlfs, só existe actualmente em duas zonas periféricas da România, a Itália meridional (e Sardenha) e Portugal (e a Galiza). Esta forma viu-se rechaçada, já nos primeiros tempos do idioma, pela inovação hispana *cordeiro* (< lat. CORDARIU, derivado de CORDU ‘tardio’, termo para designar as crias nascidas tardiamente e que, geralmente eram comidos por altura da Páscoa). Por sua vez, a criação centro-meridional *borrego*, derivada de *borra* ‘lã grosseira’, ocupou boa parte do território anteriormente ocupado por *cordeiro*. Devemos esclarecer que, embora em certos sítios *borrego* designe a cria da ovelha que atingiu uma certa idade, não se trata de um facto generalizado, especialmente no sul de Espanha e Portugal. O mapa elaborado por Dubert e Sousa (2009) corrobora esta repartição territorial.

Os dados do ALPI-30 confirmam, em linhas gerais, essa distribuição²⁵, mas interessamos chamar a atenção para uma das respostas do ponto 203 da rede do ALPI (Portuzelo, Viana do Castelo). Nessa localidade, foram fornecidas, como designações para a cria, as respostas *anhinho* e *carneirinho*, a segunda das quais também aparece, em co-ocorrência com *anho*, em dois pontos do ALEPG, em Estrica (Viana do Castelo) e Gondomar das Taipas (Braga)²⁶. Poder-se-ia pensar num simples processo de sufixação: o *carneiro* é o animal adulto e a cria é o *carneirinho*, como o *porquinho* é o filho do *porco*, mas a realidade complica-se com a resposta *carneiro*, registada no inquérito 96 do ILB (Ponte da Barca, Viana do Castelo), e com a presença no galego, com especial incidência no sul da província de Pontevedra (em contacto directo com Portugal), de várias zonas em que *carneiro* designa tanto a cria da ovelha como o animal adulto.

Examinemos agora as informações proporcionadas pelo ALEPG e o ILB (mapas 21 e 22), que acrescentam poucas novidades lexicais em relação aos materiais do ALPI. A este

25. *Anho* apareceu nos pontos 200, 202, 207, 210, 212 e 213. *Cordeiro* foi a resposta de 221, 245 (com a informação de que em Coimbra se diz *cordeiro*), 262 e 274. *Borrego* aparece em 264, 273, 275 e 276. Assinalemos, por último, que em 203 aparecem *anho* e *carneiro*, como se explica no corpo do artigo.

26. Em Estrica, inquérito realizado em 1993, é dito que também se conhece a forma *cordeiro* que, no entanto, é pouco usada.

propósito, assinalemos que os dados documentados no ILB são esparsos, porque o conceito ‘cordeiro’ só foi introduzido em versões posteriores do questionário, nos anos sessenta; assim, os dados recolhidos não serão representados no respectivo mapa contrastivo.

— Num único ponto do ALEPG, em Castro Laboreiro (Viana do Castelo), aparece a resposta *nascente*, em co-ocorrência com *anho* e *cordeiro*. Num ponto do distrito de Santarém, Glória de Ribatejo, documenta-se *mamão*, desta vez alternando com *borrego*.

— No que diz respeito à distribuição espacial dos três tipos lexicais predominantes nas redes do ALPI e no ALEPG (mapas 23 a 25), observamos que a situação não é tão definida como expôs Cintra, pois, em cada uma das três áreas, existem abundantes cruzamentos e co-ocorrências de respostas, isto é, evidencia-se a sobreposição das três designações: constata-se essa circunstância especialmente na parte central da área de *cordeiro*, em que aproximadamente desde Viseu até ao norte de Santarém, grande maioria dos pontos conhece tanto essa resposta como a designação *borrego*. É verdade que nalguns pontos se explica que o *borrego* é um animal um pouco mais crescido do que o *cordeiro*, mas nem sempre essa distinção é feita e, também, é frequente a criação dum diminutivo, *borreguinho*, que claramente se refere à cria.

— Como aconteceu noutros casos, com designações antigas que estão a ser substituídas por outras, o ALEPG documenta a existência de vestígios de *anho* em territórios que sequencialmente foram ocupados por *cordeiro* e por *borrego*. De igual modo, na área delimitada por Cintra para *borrego*, encontram-se reminiscências de *cordeiro*.

— Por último, assinalemos que na rede do ALEPG a extensão ocupada por qualquer das três áreas é maior. Parte dos deslocamentos explicar-se-á por movimentos diacrónicos, mas também porque a ‘fotografia’ do ALPI, dada por Cintra, é muito estática, enquanto a do ALEPG permite observar a variação, porque o maior número de pontos permite representar melhor a realidade de cada uma das áreas.

A Galiza conta também com três designações principais, mas não idênticas, nem na forma nem na extensão. Assim, segundo os dados do ALGa, a resposta *anho* é a maioritária e *cordeiro* está limitada ao Oriente galego (menos dois pontos que entram mais no território, se calhar marcando o caminho da expansão), numa franja sem interrupção de Norte a Sul que liga com a zona portuguesa. A forma *carneiro*, que já foi referida aqui, ocupa uma vintena de pontos um pouco dispersos por toda a Galiza, com especial concentração no sul da província de Pontevedra.

No que diz respeito aos Açores, o termo mais arcaico, *anho*, não se encontra atestado; é *cordeiro*, a segunda forma em antiguidade, a resposta obtida em todos os pontos, se bem em quatro deles co-ocorre a forma *borrego*, mas com a especificação de que designa a cria já mais crescida.

3.6. ‘CRIA DA CABRA’

Cintra distingue duas áreas (mapa 26): a de *cabrito* (< lat. *CAPRITTU*) e a de *chibo*, uma inovação expressiva procedente, em aparência do território espanhol, onde também se conhece *cabrito*, mas, sobretudo, *choto*, outra designação de tipo expressivo. A repartição territorial não é muito diferente da que observamos na secção anterior entre *borrego*, por

um lado e *anho/cordeiro*, por outro. Neste caso, porém, Cintra refere que «um po uco surpreendentemente recebi também a resposta *cabrito*, uma vez isolada, outra a par de *chibo*, em dois pontos do Sotavento algarvio». Como estivemos vendo nos mapas anteriores, não é surpresa, antes pelo contrário, é o esperável neste caso de sobreposição de áreas, em que ainda permaneceram exemplos da forma originária.

No que diz respeito aos dados de Cintra, a única precisão que podemos fazer é que no ponto 254 da rede (Rosmaninhal, Castelo Branco) também se conhece a resposta *cabrito*, mas não para o animal vivo, apenas para o *chibinho* depois de morto (como o *bacorinho* é também o porquinho vivo e o que se come é o *leitão*). A rede de ALPI-30 confirma a distribuição territorial dos dados do ALPI-50²⁷.

O ILB não inclui este conceito no seu inquérito, pelo que temos de nos limitar às respostas obtidas para ALEPG. Neles (mapa 27) aparece apenas uma forma nova, *godalho*, num ponto do distrito de Braga, para designar a cria que é mais nova do que o *cabrito*; esta designação está confirmada pelo registo em dicionários (por exemplo no Priberam, «cabra nova e muito inquieta»). Esses dados permitem detectar uma expansão significativa da área ocupada pela designação *chibo*, mas que não é acompanhada por uma redução da área de *cabrito*. Antes pelo contrário, na rede do ALEPG a sua extensão é praticamente duplicada. Como indicámos para o mapa anterior, a explicação desta distribuição areal reside no facto de quase todos os pontos do ALPI serem de resposta única e no ALEPG serem, com grande frequência, de respostas duplas, se não no mesmo ponto, no mesmo concelho. Esta alternância de formas é típica da situação de sobreposição de áreas: chega uma nova designação, que começa a conviver com as anteriores, normalmente até que alguma delas acaba por dominar e suplantar a outra, sem que necessariamente se verifique o desaparecimento da mais antiga, ou estas se especializam, deixando então de designar a mesma realidade.

Na Galiza, a resposta maioritária é *cabrito*. A resposta *chiba* foi recolhida em oito pontos do território que não formam uma área; todos eles, à excepção dum, encontram-se bastante afastados da zona portuguesa de *chibo*. Aparece também, fundamentalmente no Ocidente, a forma *cabuxa*, uma forma de etimologia discutível, que, nalguns casos, também designa o animal adulto. No que diz respeito aos Açores, foi a forma da área conservadora, *cabrito*, a recolhida em todos os pontos. Foram também recolhidos, os termos *refugo* e *chibarro*, cada um em sua localidade, para designar a cria mais crescida.

3.7. ‘ESPIGA DO MILHO’

Uma vez examinados os seis conceitos que seleccionou no campo semântico da criação de gado, Cintra analisa dois mapas relativos a temas completamente diferentes, mas que apresentam distribuições análogas às examinadas anteriormente. Em primeiro lugar, estudam-se as designações para a ‘espiga do milho’ (mapa 30), conceito para o

27. Concretamente, *cabrito* apanhou-se nos pontos 200, 202, 203, 207, 210, 212, 213, 221, 239, 245, 262 (nesta localidade também se recolheu *cabrito*, mas para um animal mais crescido), 274, 275 e 276. A resposta *chivo* aparece apenas em 264 e 273.

qual existem dois nomes no território português. O primeiro deles, e mais antigo, é *espiga*, continuador dum lat. *SPICA*, que alterna em Portugal com *maçaroca*, forma de etimologia duvidosa, explicada por Cintra, apoiando-se em Corominas, como um híbrido românico-árabe. Esta última forma tem uma distribuição semelhante à de tipos anteriores: distribui-se por todo o território desde o Algarve até ao Norte do distrito de Lisboa; a partir daí, fica confinada ao leste de Portugal (distrito de Castelo Branco e leste dos da Guarda e Bragança), fazendo fronteira com a Espanha (é precisamente o SO da Península a zona originária desta designação, de onde se expandiu para o Norte, seguindo a linha de fronteira; quantitativamente, é a designação mais importante em toda a Península, onde também foram recolhidas, para além de *espiga*, as formas *pinha*, *panolha*, *capsa*, etc. Vejam-se mais informações em Dubert e Sousa (2009).

No referente ao ALPI-50, assinala-se que no ponto 230 (Quinta Nova, Guarda) não são apenas duas as formas que coexistem, como dizia Cintra, pois foi obtida também a resposta *arolo*. O dicionário Cândido de Figueiredo tem uma entrada *arolo*, forma que qualifica de provincianismo beirão e que define como «Sabugo, o mesmo que *carolo*». Poder-se-ia pensar num engano, é certo, mas no questionário fica claro que a designação para o coração da espiga é, nesse ponto, *casulo*; será uma sinédoque? Existem outros casos semelhantes, desta vez na rede do ALEPG (mapa 32): são as respostas do tipo *caroça*, *carolo* e *tarola*, recolhidas em pontos do Norte, e que também são normalmente designações para o núcleo central da espiga já sem grão. Os resultados de ALPI-30 estão conformes com o mapa desenhado por Lindley Cintra²⁸.

Em Penacova, no distrito de Coimbra, recolheu-se, nos inquéritos do ILB (mapa 31), a forma *bandeira*, que possivelmente se trata de uma confusão, pois é palavra recolhida nos dicionários para nomear a inflorescência do milho ou doutras gramíneas. Também foi recolhida, como co-ocorrência, a resposta *pinha* em Outeiro, no concelho de Bragança; esta forma integra uma área extensa para este conceito, situada no centro da Península Ibérica (cf. o que foi assinalado por Dubert e Sousa 2009).

No que diz respeito a diferenças de distribuição destas duas grandes áreas lexicais nas diferentes redes estudadas, não observámos divergências significativas (mapas 33 e 34), pelo menos nas duas redes principais. Como aconteceu em mapas anteriores, a extensão de *espiga* na rede do ALEPG é maior, fundamentalmente porque há várias zonas em que se recolheu este vocábulo em co-ocorrência com *maçaroca*, quando na rede do ALPI apresentavam unicamente esta última resposta. A outra discrepância é a existência (sobretudo na rede do ILB) da designação *maçaroca* no interior da área de *espiga*. Será de ponderar a hipótese de se tratar, nestes casos, de uma possível influência do padrão.

No galego é *espiga* a resposta maioritária, mas também se conhece *maçaroca*, especialmente na zona oriental, em continuidade com a área portuguesa; no galego de Astúrias observa-se a resposta *paolha*, idêntica à do asturiano. Referem Dubert e Sousa (2002, p. 216) que «Pola distribución semella que *espiga* é a forma que primeiro se empregou en galego para darlle nome ó froito deste novo cereal traído de América e que se foi difundindo desde occidente ó par que se estendía o cultivo do millo [...] *Paolla* e

28. *Espiga* foi recolhida nos seguintes pontos: 200, 202, 203, 207, 210, 212, 213, 221 e 245. *Maçaroca* foi a resposta em 262, 264, 273, 274, 275 e 276.

mazaroca son voces introducidas desde o oriente para a denominación da espiga do millo»; pode complementar-se esta información com o estudo de Álvarez (2002).

Nos Açores, volta a verificar-se a tendênci a inicial observada na análise dos primeiros mapas: a forma conservadora, *espiga*, não regista nenhuma ocorrência. Em todos os pontos de oito das nove ilhas foi obtida a forma *maçaroca* como única resposta (excepção para um dos pontos em que co-ocorre com *toco*). Nos dois pontos da ilha Terceira, foi obtida outra resposta, a forma *soca*.

3.8. 'PARTE DO ROSTO MAIS OU MENOS PROEMINENTE, POR BAIXO DO LÁBIO INFERIOR'

Para este conceito, a designação maioritária na rede de Cintra (mapa 35) é *queixo* (< lat. CAPSEUS 'semelhante a uma caixa'), a que se opõem outros dois tipos: *papo* (< lat. PAPPÀ 'comida'), em Trás-os-Montes e *barba*, ocupando uma área mais vasta, com as variantes *barbela* ou *barbadela*, que provém do lat. BARBA ('pelo da barba'), nome de grande difusão na România para designar este conceito. De facto, olhando para os dados do ALPI para toda a Península Ibérica, disponibilizados por Dubert e Sousa (2009), pode verificar-se que o termo cobre praticamente três quartas partes do território peninsular, com excepção de parte do território galego-português e de três pequenas ilhas linguísticas com outras designações. Apesar de Corominas afirmar que a forma *barba* é a mais tradicional, Cintra refuta-o, baseando-se sobretudo em considerações de ordem cartográfica e geográfica.

Uma análise mais pormenorizada dos dados do ALPI-50, constantes nos cadernos de inquérito, revela um pormenor interessante. Na Praia de Mira (Coimbra, ponto 244), a forma recolhida, como resposta única, foi *pero*, forma omitida por Cintra no seu artigo. Como é sabido, a *pêra* é a «porção da barba que se deixa crescer no queixo» (cf. também o espanhol *perilla*), pelo que o vínculo semântico é evidente. Além disso, existem registos de *pêra* para designar o queixo: no inquérito 334 do ILB (Cabeceiras de Basto, distrito de Braga), aparece em co-ocorrência com *queixo* e também apareceu, como segunda resposta, num ponto da província galega da Corunha (Dubert e Sousa 2002: 219). Os dados do ALPI-30 confirmam, em linhas gerais, a distribuição estabelecida pelo Cintra²⁹, com uma excepção: em 221 (Rio de Onor, Bragança) foi obtida a resposta *queixo*. Nessa área, o mapa do ALPI-50 só assinala *barba*, mas o ILB e o ALEPG (mapas 36 e 37) documentam, em pontos próximos, a resposta *queixo*. Para tal facto poder-se-á afirmar que se trata de um problema da densidade da rede de pontos e não de um efectivo desaparecimento. Assinale-se que, como acontece também com *barba*, existe também uma forma sufixada *queixada*, documentada em ILB 380 (Valpaços, Vila Real) e 2249 (Palmela, Setúbal).

Os dados do ALEPG têm de ser manejados com precaução neste caso, pois a pergunta 429 'queixo' apenas foi inquirida em 74 dos 212 pontos de inquérito³⁰, sendo especialmente fraca no norte, a zona mais interessante, para poder examinar os limites de *barba*

29. *Queixo* foi a resposta dos pontos 200, 202, 203, 207, 212, 221, 245, 262, 264, 273, 274, 275 e 276. *Barbela* aparece em 210 e 213.

30. A partir de 1990, para apressar as recolhas, o questionário linguístico foi reduzido para cerca de metade, tendo desaparecido a secção do corpo humano.

ou de *papo*. Dadas estas circunstâncias, optámos por não oferecer um mapa de síntese. Faremos, apenas, duas observações:

— Nos inquéritos do ALEPG realizados no Algarve e no Alentejo nunca foi obtida a forma *barba*, que tinha aparecido nos inquéritos do ALPI e do ILB, formando área naquelas duas regiões, que precisamente têm uma elevada densidade de pontos na rede do ALEPG. Tal situação poderá, eventualmente, explicar-se por movimentos diacrónicos que favoreceram o aparecimento de *queixo*, forma mais frequente e presente na língua culta.

— O número pouco elevado de respostas para este conceito no ALEPG para o Norte de Portugal impede-nos de tecer considerações sobre se a menor presença de *papo* na sua rede é real.

Na Galiza, existem *queixo*, *barba* e *papo*, mas acrescenta-se também uma quarta forma, *bico*, no norte do território. A forma *papo*, que Cintra definia como pouco expandida, continua no território galego, ocupando quase toda a província de Ourense e, mais esporadicamente, pontos noutras províncias. *Barba* e, sobretudo, os seus derivados são a forma típica do galego oriental.

Nos Açores, é a forma, aparentemente mais conservadora, *queixo* que é a mais frequente. Não se verificaram registos de *barba* ou *barbela*. *Carrinho* e *carrilho* são as restantes formas obtidas. Formas essas que não foram recolhidas no continente³¹.

4. CONCLUSÕES

A nossa análise, baseada em material anterior e posterior às recolhas do ALPI-50 e com uma rede mais densa, demonstra que a divisão das áreas lexicais estabelecida por Lindley Cintra continua mantendo a sua pertinência e validade, em grandes linhas, especialmente no que diz respeito à distribuição das principais respostas; isto, apesar de se verificar algumas alterações na sua extensão, por exemplo, o acentuado retrocesso de *soro* ou *maninha* ou a expansão de *machorra* e *amojo*. Os dados do ALEPG, mais modernos, confirmam a vigência, décadas mais tarde, mesmo de aspectos aparentemente mais anómalos, como a resistência à corrente de inovações numa ampla área do distrito de Lisboa que, em vários mapas, apresentou respostas de cariz mais arcaico do que as zonas limítrofes (veja-se, por exemplo, o que se assinalou em 3.2.).

Para além das óbvias mudanças diacrónicas, reflectidas nos diferentes mapas que acompanham este artigo, e para obter uma imagem mais realista da variação lexical existente em Portugal, é necessário fazer algumas observações quanto à distribuição areal estabelecida por Lindley Cintra. O principal problema, já referenciado pelo professor português, reside na fraca densidade da rede de pontos por ele utilizada. Não se pode esquecer que a rede portuguesa do ALPI tinha sido estabelecida para um estudo de âmbito peninsular, o que a tornava, de certo modo, insuficiente para um estudo dialectal

31. Estas formas encontram-se atestadas, de modo esporádico, no território continental. Por exemplo, na Azóia (Marques 1968: 128).

aprofundado do espaço português. Para além disso, Lindley Cintra não aproveitou a informação recolhida em 18 inquéritos, da década de 30, por ele não realizados. Isto originou que a informação em que se baseou, relativamente ao Noroeste de Portugal e à zona de Lisboa, fosse, ainda, mais escassa.

A primeira observação a fazer é que alguns dos mapas não dão conta de designações que têm uma presença importante no território, especialmente no Sul de Portugal. Por exemplo, o mapa de 3.2., definido como «extremamente simples» pelo próprio Cintra, dá a impressão de descrever apenas a ‘luta’ entre as respostas do tipo *úbere* e a do tipo (*a*)*mojo*, quando nas outras redes (ALEPG e ILB) apareceram outras quatro designações: *aparelho*, *mamas/teta*, *odre*, *vaso/vasilha*. Outro caso significativo é o que se verifica em 3.3.: para além de *soro* e *almece* (com as suas variantes), verificou-se existir um número elevado de outras respostas para o conceito em questão; algumas delas chegam a formar áreas lexicais bem definidas, tais como *água/aguadilha*, *atabefe*, *chibio*, *chirlo*, *chorrilho*...).

A segunda observação a fazer é que os mapas de Cintra dão uma visão estática da situação linguística: existem poucos pontos com resposta dupla, o que torna a delimitação da fronteira entre áreas bastante nítida. Porém, na rede do ALEPG são muito mais visíveis as zonas de sobreposição das diferentes designações; pode-se observar, por exemplo, a vasta área, entre Santarém e Porto, em que coexistem as respostas *chibo* e *cabrito*.

Por último, assinalamos que a área das designações inovadoras não é tão compacta e uniforme como pretende Cintra. Para os casos de *mugir/ordenhar*, *úbere/amojo*, *soro/almece* e *cordeiro/borrego*, nos mapas que apresenta, a área ocupada pelas segundas formas no Sul de Portugal é compacta, não apresentando qualquer variação lexical. No entanto, os dados recolhidos para o ALEPG revelam a existência, em todos os casos, da primeira resposta quer em pontos algarvios e/ou alentejanos, o que vem demonstrar que, até agora, essa substituição não foi completa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALPI CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS (1962): *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*. Vol. I: *Fonética, I*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Álvarez 2002 ÁLVAREZ, Rosario (2002): «Viño novo en odres vellos: os nomes do *millo*». ÁLVAREZ, Rosario, DUBERT GARCÍA, Francisco e SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio (eds.): *Dialectoloxía e Léxico*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega; Consello da Cultura Galega, p. 69-94.
- Álvarez 2010 ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (2010): *Para un estudo xeolingüístico dos campos lexicais. Análise de designacións galegas do ámbito da gandaría*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- Boléo (1974-1975) BOLÉO, Manuel de Paiva (1974-75): *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. Vol. 1: *Dialectologia e história da língua*, 2 t. Coimbra: Universidade.
- Carvalho (1953) CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (1953): *Coisas e palavras. Alguns*

- problemas etnográficos e lingüísticos relacionados com os primitivos sistemas de debilha na Península Ibérica*. Coimbra: Universidade. [Separata de *Biblos*, vol. XXIX].
- Cintra (1962) CINTRA, Luís F. Lindley (1962): «Áreas lexicais no território português». *Boletim de Filologia*. Vol. XX. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, p. 273-307.
- Cortés / García Perales (2009) CORTÉS CARRERAS, Santi / GARCÍA PERALES, Vicent (eds.) (2009): *La historia interna del Atlas Lingüístico de la Península Ibérica (ALPI): Correspondencia (1910-1976)*. València: Universitat de València.
- Cruz (1991) / CRUZ, Maria Luisa Segura da (1991): *O falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- DCECH COROMINAS, Joan / PASCUAL, José Antonio (1980-1991): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 6 vol. Madrid: Gredos.
- DGLA = GARCÍA ARIAS, Xosé Lluís (2002-2004): *Diccionario general de la lengua asturiana*. Oviedo: Editorial Prensa Asturiana
- Dubert / Sousa (2002) DUBERT GARCÍA, Francisco / SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio (2002): «Áreas lexicais galegas e portuguesas. A proposta de Cintra aplicada ao galego», ÁLVAREZ, Rosario, DUBERT GARCÍA, Francisco e SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio (eds.): *Dialectoloxía e Léxico*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega; Consello da Cultura Galega, pp. 193-222.
- Dubert / Sousa (2009) DUBERT GARCÍA, Francisco / SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio (2009): «Lexical areas in the Iberian Peninsula based on a proposal by Lindley Cintra» [Comunicação inédita realizada no VI Congresso da *International Society for Dialectology and Geolinguistics* em Maribor (Eslovénia). A apresentação está disponível na web http://www.geolinguistica.org/dubert/Maribor%20_2009_02.pdf.
- Marques (1968) MARQUES, Maria Casimira Almeida (1968): *O falar da Azoia (povoação próxima do Cabo da Roca na Província da Estremadura)*. [Dissertação de Licenciatura inédita apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa].
- Meier (1984) MEIER, Harri (1984): *Notas críticas al DECH de Corominas Pascual*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela [Anexo de *Verba*. *Revista Galega de Filoloxía*].
- Pérez Pascual (2007) PÉREZ PASCUAL, JOSÉ IGNACIO (2007): «Los estudios de dialectología en el *Centro de Estudios Históricos*. La realización del *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*». *Moenia*, 13, p. 401-430.
- Pinto (1983) PINTO, Adelina Angélica (1983): *Isoléxicas portuguesas. (Antigas medidas de capacidade)*. Coimbra: Faculdade de Letras - Instituto de Língua e Literatura Portuguesa [Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*].
- Ribeiro (1962-1963) RIBEIRO, Orlando (1962-1963): «A propósito de áreas lexicais». *Boletim de Filologia*. Vol. XXI. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, p. 177-205.
- Ricós (2007) RICÓS VIDAL, AMPARO (2007): «España, Portugal y el 'ALPI'. Notas para una historia inacabada», MARCOS DE DIOS, Ángel (ed.), *Aula Ibérica: Actas de los congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 183-194.
- Rohlf (1954) ROHLFS, Gerhard (1954): *Die lexikalische Differenzierung der romanischen Sprachen. Versuch einer romanischen Wortgeographie*. München: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften.

- Saramago (2006) SARAMAGO, João (2006): «O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)». *Estudis Romànics*. Vol. XXVII. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, p.281-298.
- Saramago / Bettencourt (2004) SARAMAGO, João / BETTENCOURT, José (2004): «Variação lexical – abordagem efectuada aos materiais do Volume I do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores». *Actas do III Colóquio «O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX»*, (Flores, 2002). Horta: Núcleo Cultural da Horta, p.543-595.
- Vasconcelos (1896) VASCONCELOS, José Leite de (1896): «Dialectos alentejanos». *Revista Lusitana*. Vol. IV. Lisboa: Bertrand, p. 13-77, 215-246.

RESUMO

Luis F. Lindley Cintra publicou, em 1962, um meritório artigo sobre áreas lexicais no território continental português, partindo das designações obtidas para oito conceitos ('ordenhar', 'úbere da vaca', 'soro', 'fêmea estéril', 'cria da ovelha', 'cria da cabra', 'maçaroca' e 'queixo') em 77 pontos do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI) por ele pesquisados em 1953 e 1954. Esse trabalho foi complementado, para a Galiza, por Dubert e Sousa (2002) com materiais inéditos do *Atlas Lingüístico Galego* (ALGa) e por Saramago e Bettencourt (2004) para os Açores, com respostas do *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç). O objectivo da nossa contribuição é confrontar os dados de Cintra com os recolhidos por Paiva Boléo para o ILB e com os mais recentes, obtidos nos trabalhos de elaboração do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). O dito confronto permite examinar a evolução diacrónica da proposta de Cintra e a sua validade actual.

PALAVRAS-CHAVE: Áreas lexicais, léxico dialectal, *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), dialectologia.

ABSTRACT

Galician and Portuguese lexical areas: another look at Cintra's proposal

In 1962, Luis F. Lindley Cintra published a commendable article on lexical areas within peninsular Portuguese territory, starting from the names for eight concepts (milking, cow's udder, whey, sterile female animal, lamb, kid, bobbin and chin / jaw) at 77 points on the *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI) where he presented questionnaires in 1953 and 1954. This work was complemented for Galicia by Dubert and Sousa (2002) with unpublished materials from the *Atlas Lingüístico Galego* (ALGa), and for the Azores by Saramago e Bettencourt (2004) with responses from the *Atlas Linguístico-*

Etnográfico dos Açores (ALEAç). The purpose of our contribution is to contrast Cintra's data with those collected by Paiva Boléo for ILB, and with the more recent materials obtained from work carried out on the *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). This comparison makes it possible to examine the development of Cintra's project and assesses its present-day validity.

KEY WORDS: lexical areas, dialectal lexis, *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), dialectology.

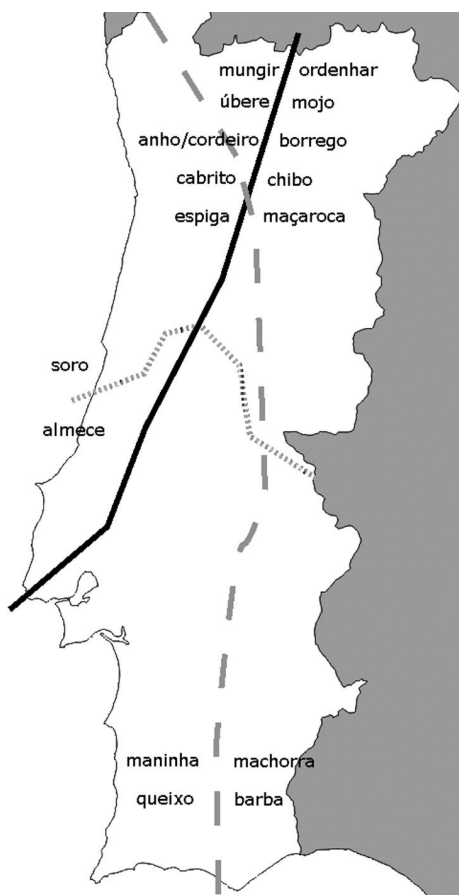
ANEXO

Os mapas podem ser consultados em formato electrónico em <http://www.geolingüistica.org/antigos/ER/ANEXO.doc>

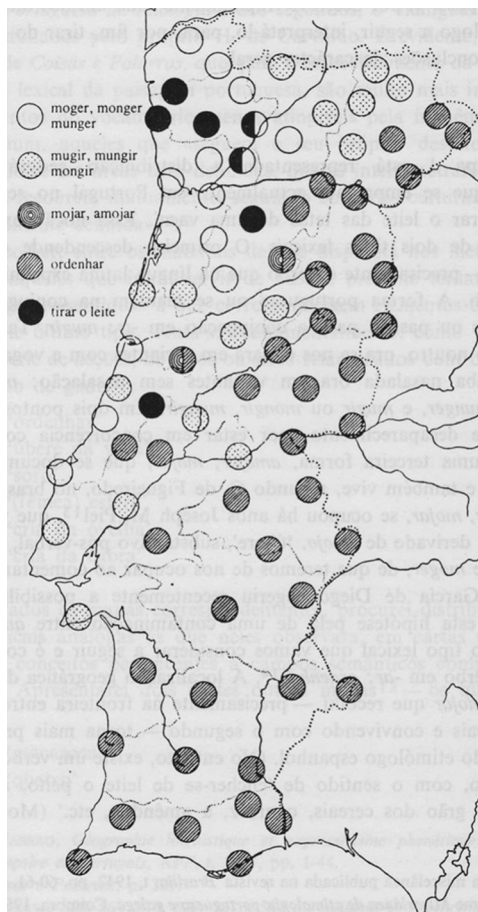
TÁBUA 1. Inquéritos do ILB tomados em consideração. Indica-se o concelho e, dentro deste, a clave de cada ponto examinado (cf. Paiva Boléo 1974-1975).

Aveiro	Águeda (1040/1043), Anadia (1108), Arouca (954), Espinho (909), Ílhavo (1078), Murtosa (1010/1015), Sever do Vouga (1033/1033a), Vagos (1087)
Beja	Ferreira do Alentejo (2336), Mértola (2362), Moura (2317), Odemira (2345)
Braga	Cabeceiras de Basto (334), Esposende (180), Terras de Bouro (134), Vila Nova de Famalicão (243).
Bragança	Bragança (472), Carrazeda de Ansiães (626), Mirandela (527), Miranda do Douro (572), Torre de Moncorvo (661)
Castelo Branco	Castelo Branco (1977), Covilhã (1912), Idanha-a-Nova (1944/1951/1953)
Coimbra	Arganil (1792), Figueira da Foz (1633/1634), Mira (1615), Oliveira do Hospital (1767), Penacova (1731)
Évora	Estremoz (2275), Montemor-o-Novo (2302), Reguengos de Monsaraz (2308)
Faro	Castro Marim (2405), Silves (2380), Vila do Bispo (2371)
Guarda	Celorico da Beira (1530), Sabugal (1611), Seia (1557), Vila Nova de Foz Côa (1450)
Leiria	Óbidos (1886), Pedrógão Grande (1810), Pombal (1830a)
Lisboa	Loures (2087), Lourinhã (2045), Sintra (2091)
Portalegre	Elvas (2231), Nisa (2179), Ponte de Sor (2209), Portalegre (2195)
Porto	Felgueiras (740), Penafiel (824), Vila do Conde (689), Vila Nova de Gaia (890)
Santarém	Alcanena (2131), Alpiarça (2155), Benavente (2167), Mação (2126), Rio Maior (2143), Tomar (2112)

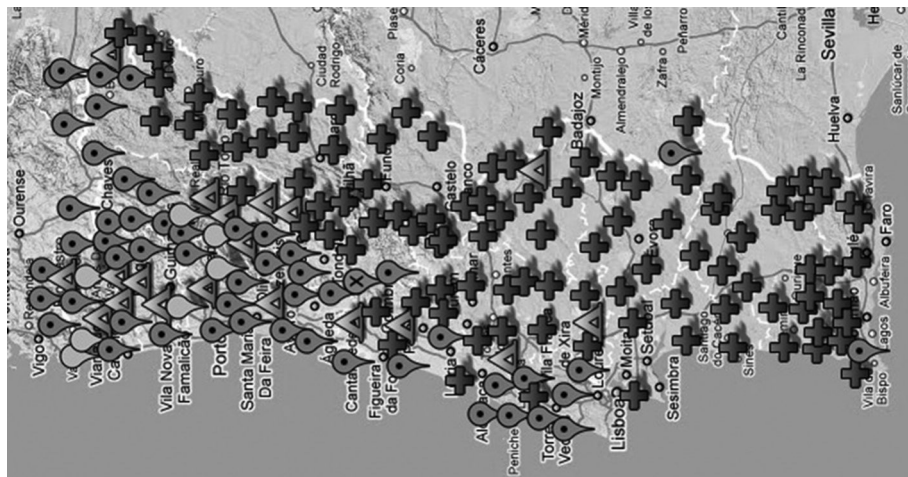
Setúbal	Almada (2235), Grândola (2261), Palmela (2249)
Viana do Castelo	Caminha (66), Melgaço (22), Ponte da Barca (96), Valença (56).
Vila Real	Alijó (394), Montalegre (350), Peso da Régua (433), Valpaços (380), Vila Pouca de Aguiar (377), Vila Real (409).
Viseu	Cinfães (1125), Sátão (1345), Mangualde (1374), Mortágua (1443), Tabuaço (1175), Viseu (1293)








MAPA 1. Síntese das três áreas delimitadas por Lindley Cintra com base no estudo das designações para oito conceitos em 77 pontos da rede do ALPI.

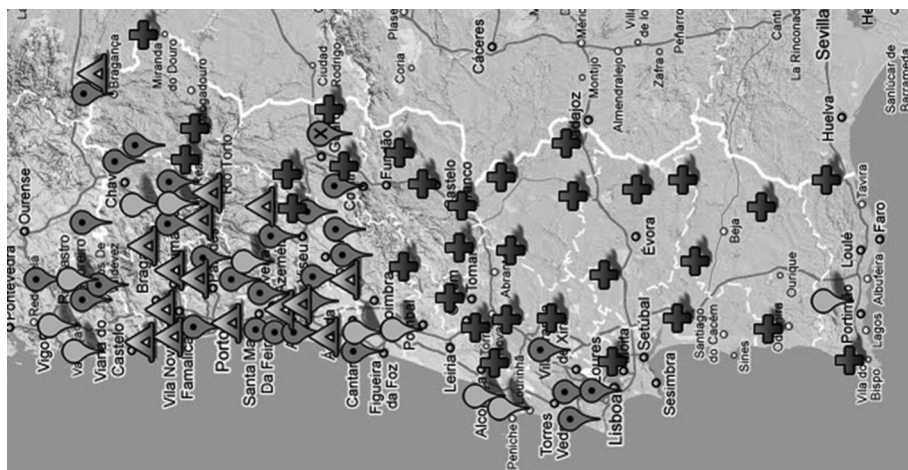


MAPA 2. 'extrair o leite do úbere da vaca'
(Cintra)

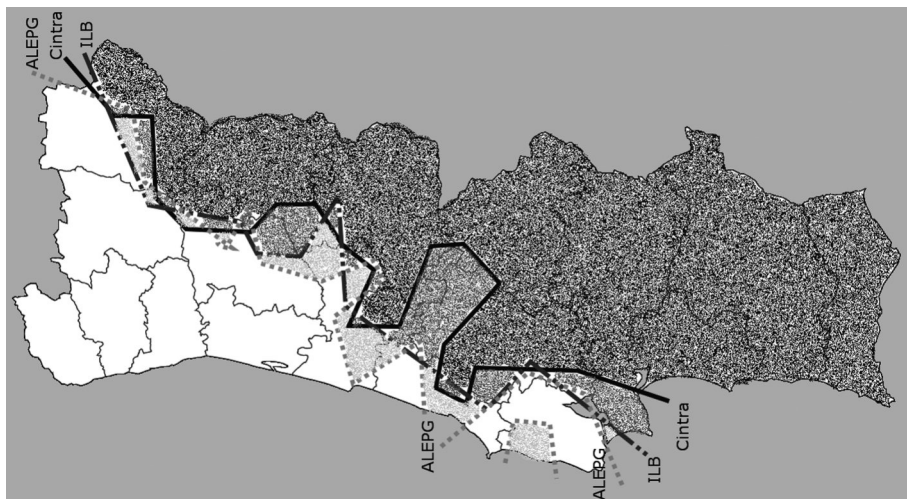


MAPA 4. 'extrair o leite do úbere da vaca' (ALEPG)

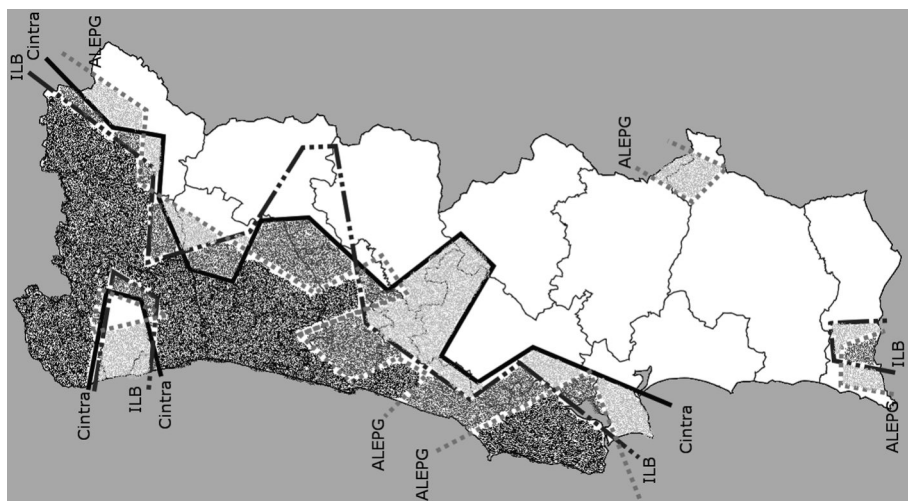
-  Tipo *mu(n)gir*
-  Tipo *mu(n)ger*
-  Tipo *(a)mojar*
-  ordenhar
-  sacar/tirar o leite



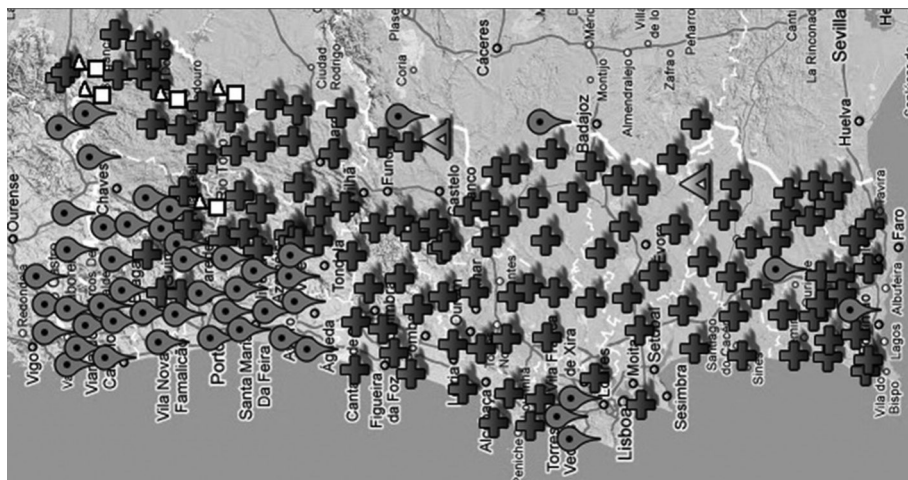
MAPA 3. 'extrair o leite do úbere da vaca' (ILB)



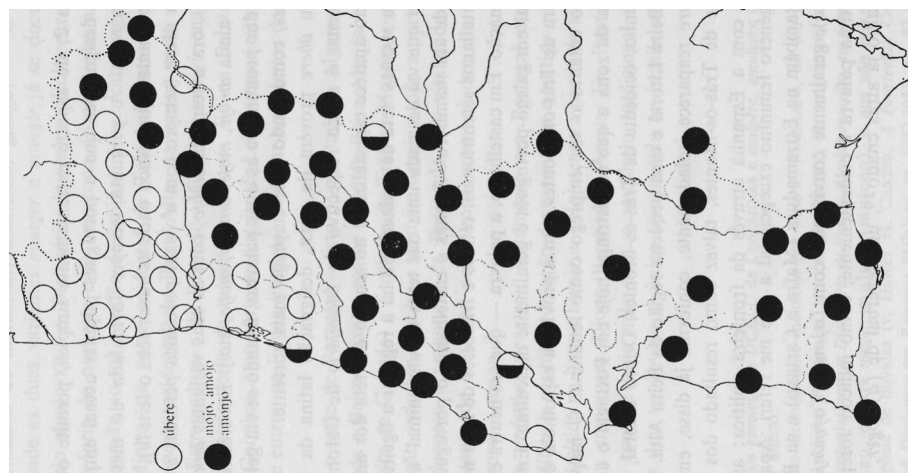
MAPA 6. Extensão de *ordenhar*
(mapa contrastivo)



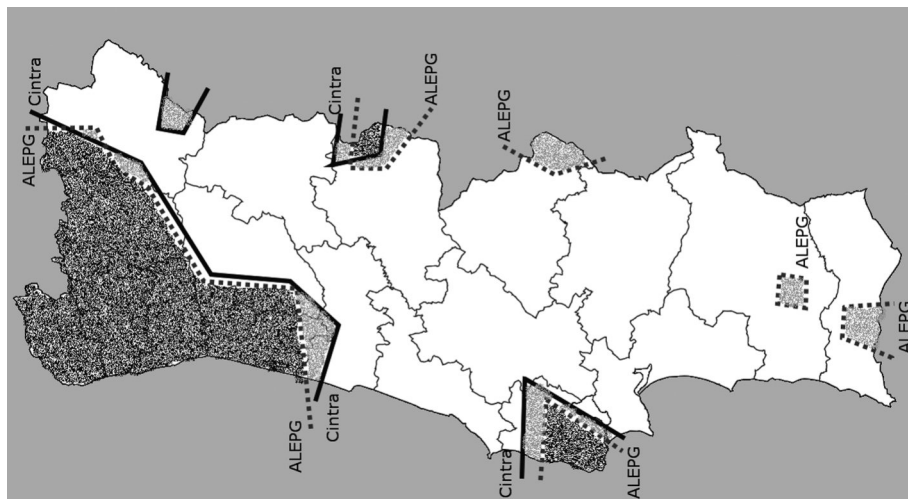
MAPA 5. Extensão do tipo *mugir/monger*
(mapa contrastivo)



MAPA 8. 'glândulas mamárias da vaca' (ALEPG)



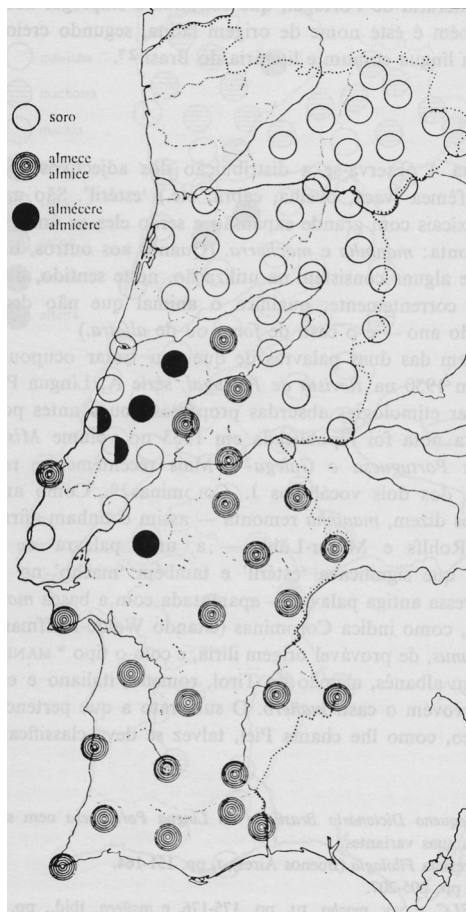
MAPA 7. 'glândulas mamárias da vaca' (Cintra)



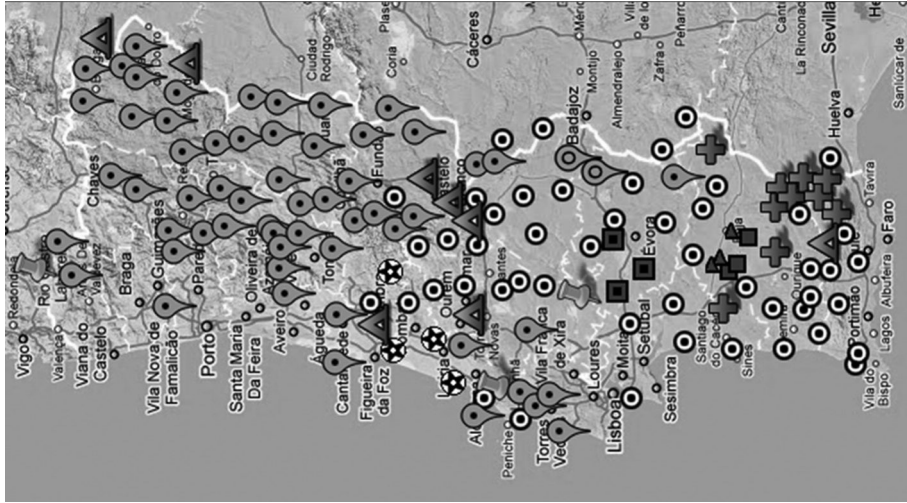
MAPA 10. Extensão do tipo íbere (mapa contrastivo)



MAPA 9. Extensão do tipo (a)mojo (mapa contrastivo)

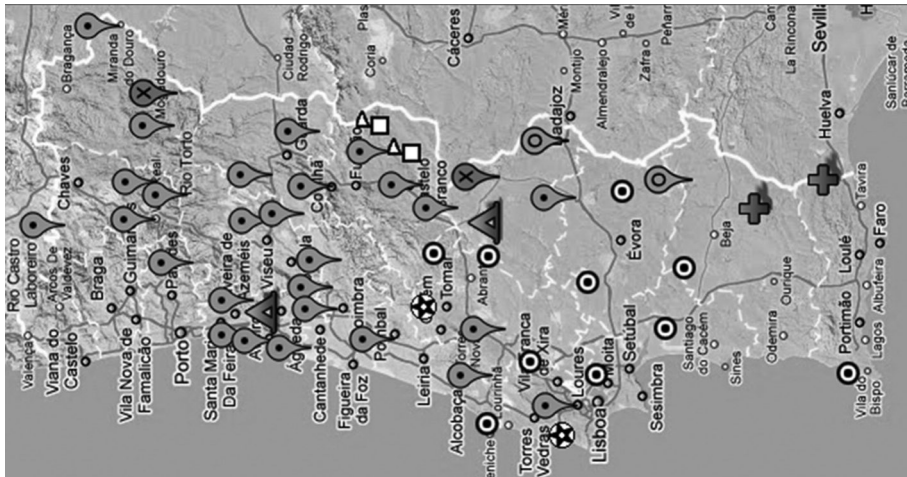


MAPA 11. 'parte aquosa que se separa do leite uma vez coagulado' (Cintra)

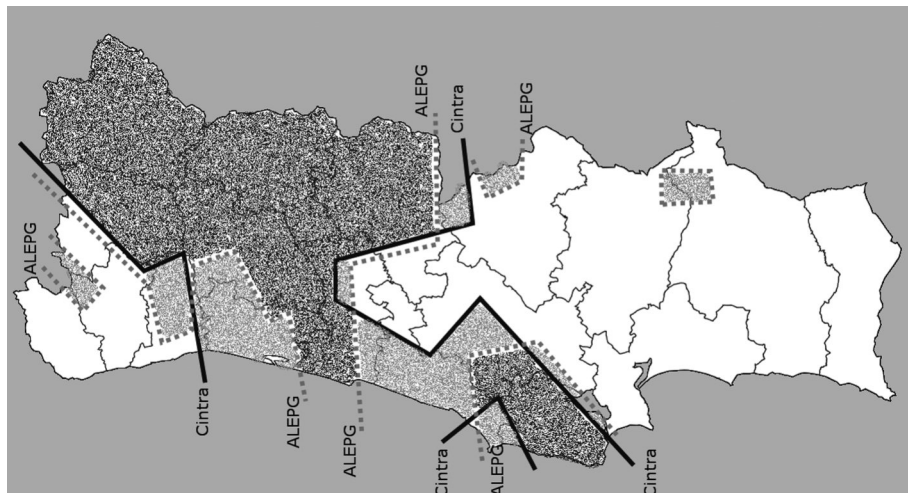


MAPA 13. 'parte aquosa que se separa do leite uma vez coagulado' (ALEPG).

- 📍 soro
- 📍 almece
- 📍 almécere
- 📍 chorrillo
- 📍 água
- 📍 Tipo chasmeno
- 📍 Tipo chirlo
- 📍 rescaldo, rescaldão
- 📍 Tipo travia
- 📍 Tipo atabefe
- 📍 Outras respostas



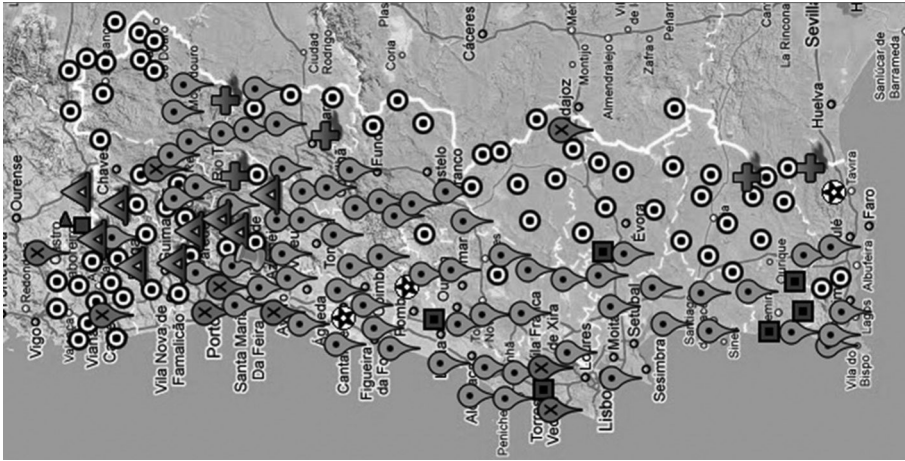
MAPA 12. 'parte aquosa que se separa do leite uma vez coagulado' (ILB).



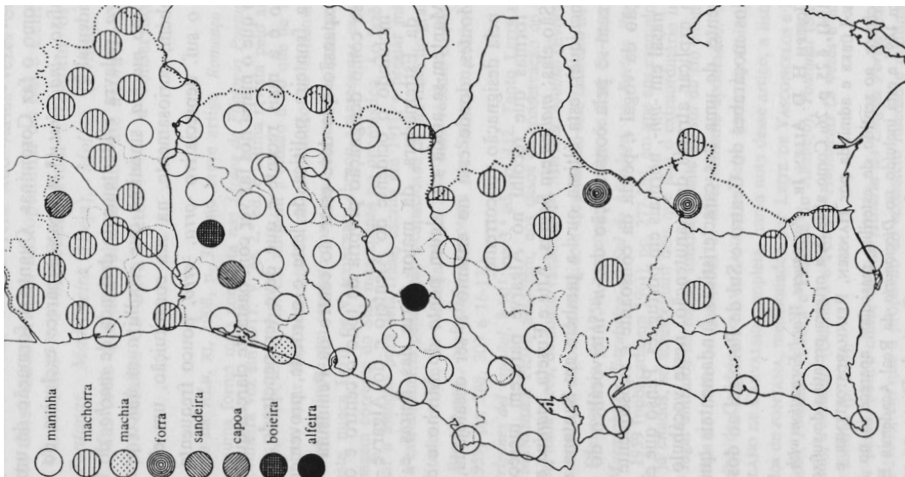
MAPA 15. Extensão do tipo *soro*
(mapa contrastivo)













MAPA 14. Extensão dos tipos *almece/almeçere*
(mapa contrastivo)

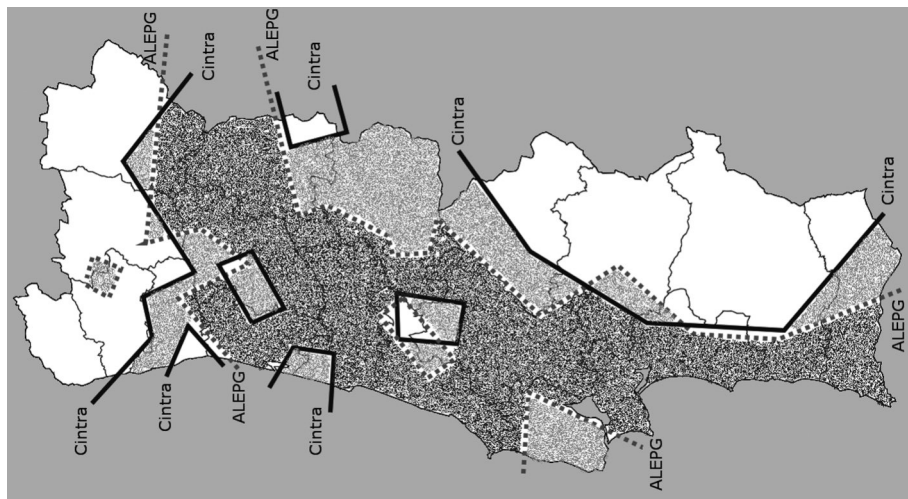


MAPA 17. 'fêmea estéril' (ALEPG)

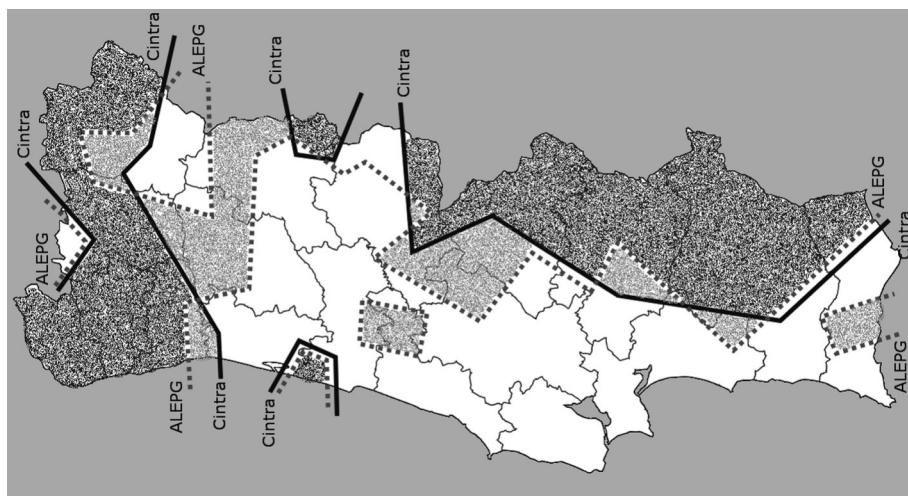


MAPA 16. 'fêmea estéril' (Cintra)

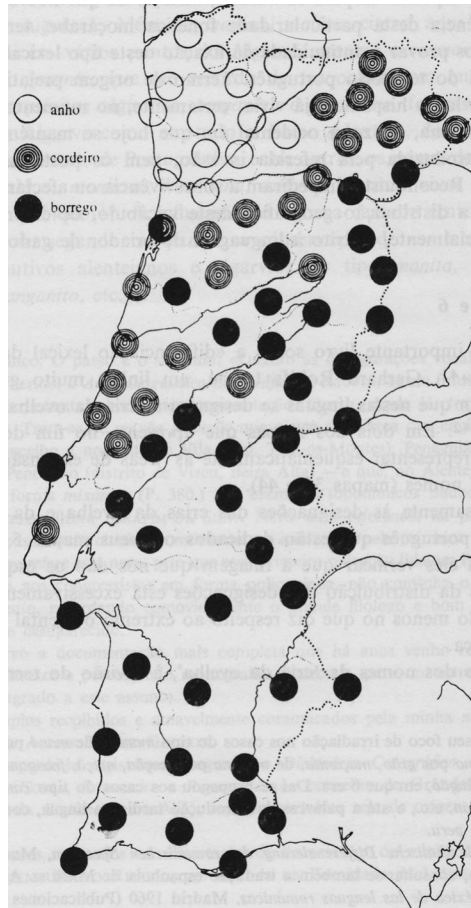
-  *maninha*
-  *machorra*
-  *machia*
-  *macho e fêmea*
-  *forra*
-  *Tipo sendeira*
-  *capoa*
-  *alfeira*
-  *boeira*
-  *outras respostas*



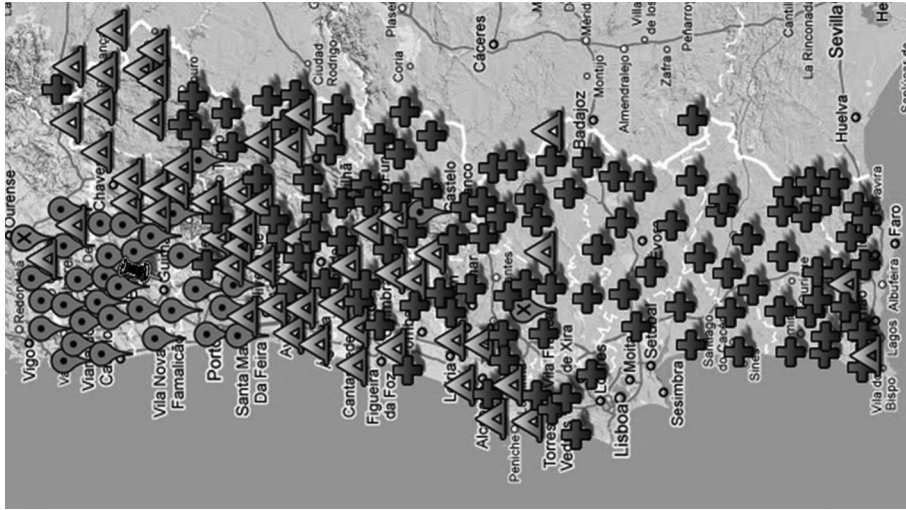
MAPA 19. Extensão do tipo *maninha*
(mapa contrastivo)



MAPA 18. Extensão do tipo *machorra*
(mapa contrastivo)

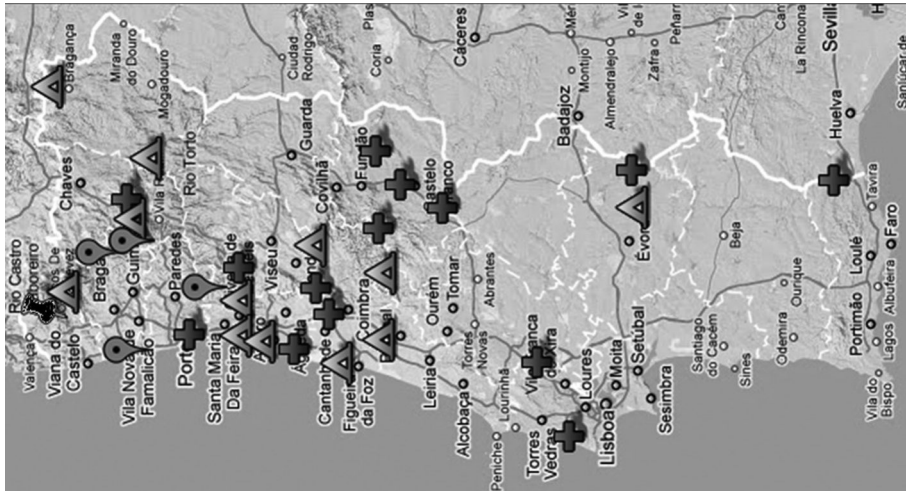


MAPA 20. 'cria da ovelha' (Cintra)

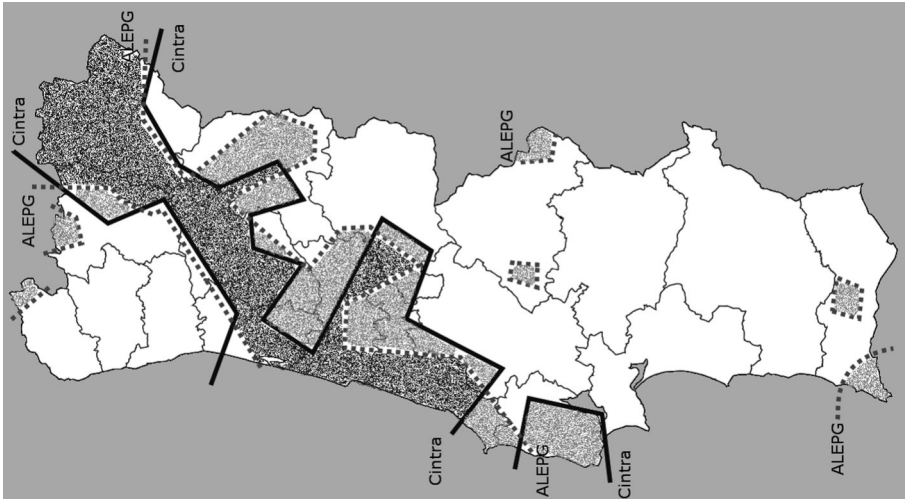


MAPA 22. 'cria da ovelha' (ALEPG)

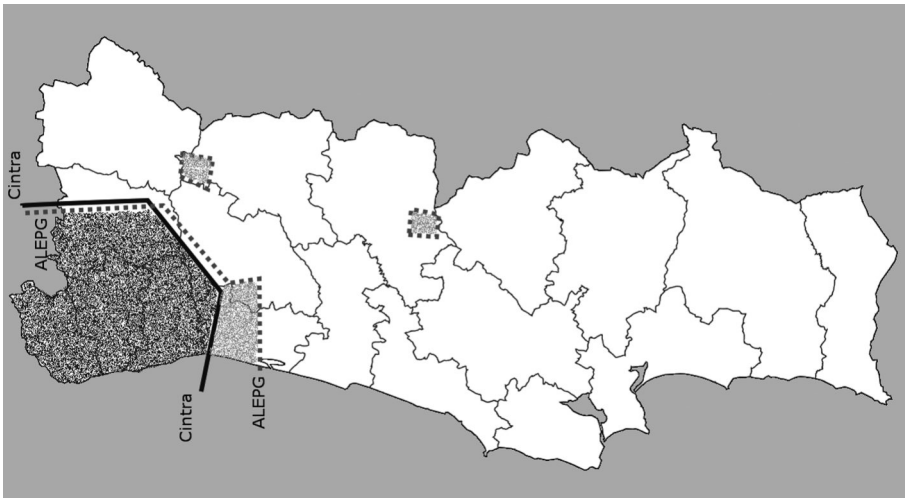
- anho
- cordeiro
- borrego
- carneiro
- mamão



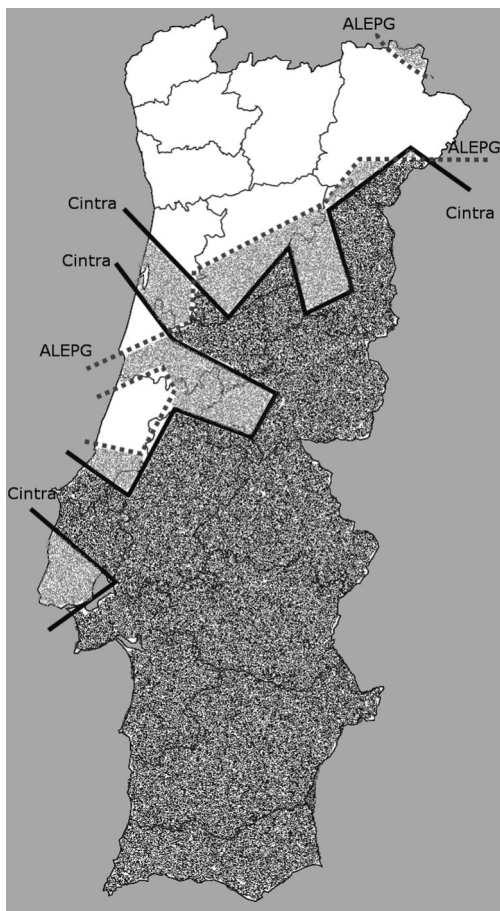
MAPA 21. 'cria da ovelha' (ILB)



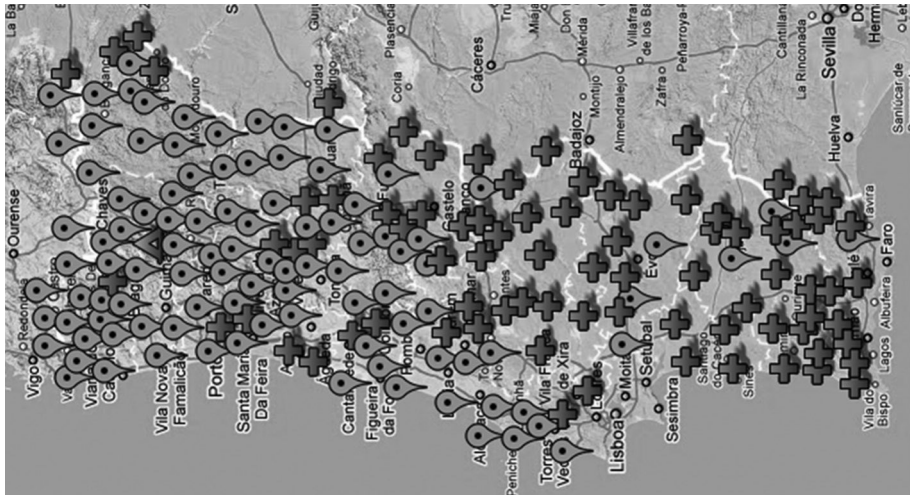
MAPA 24. Extensão do tipo *cordeiro*
(mapa contrastivo)



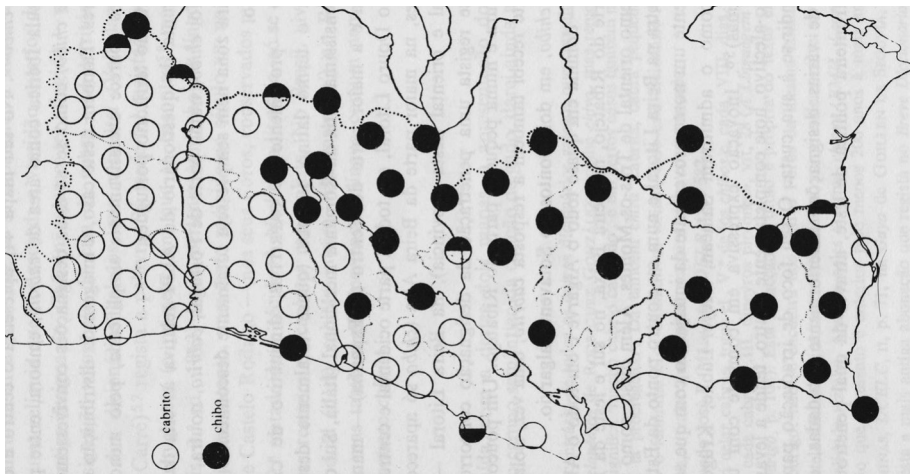
MAPA 23. Extensão do tipo *anho*
(mapa contrastivo)



MAPA 25. Extensão do tipo *borrego*
(mapa contrastivo).

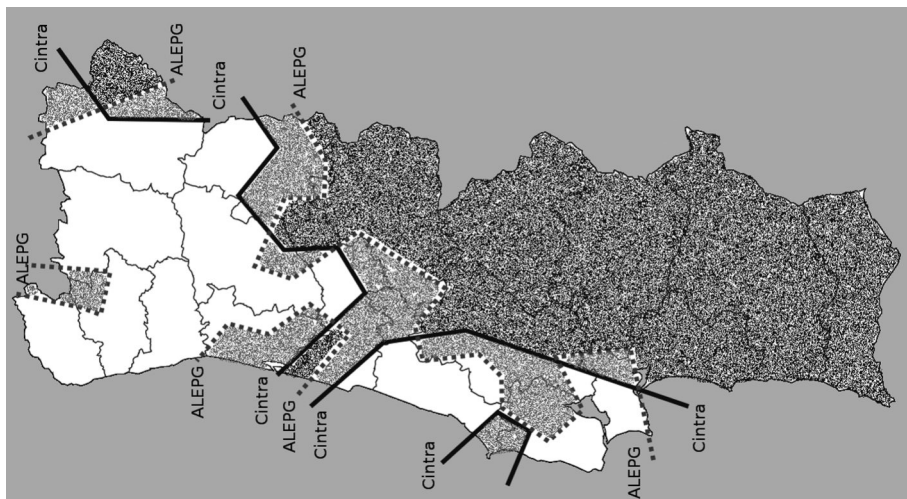


MAPA 27. 'cria da cabra' (ALEPG).

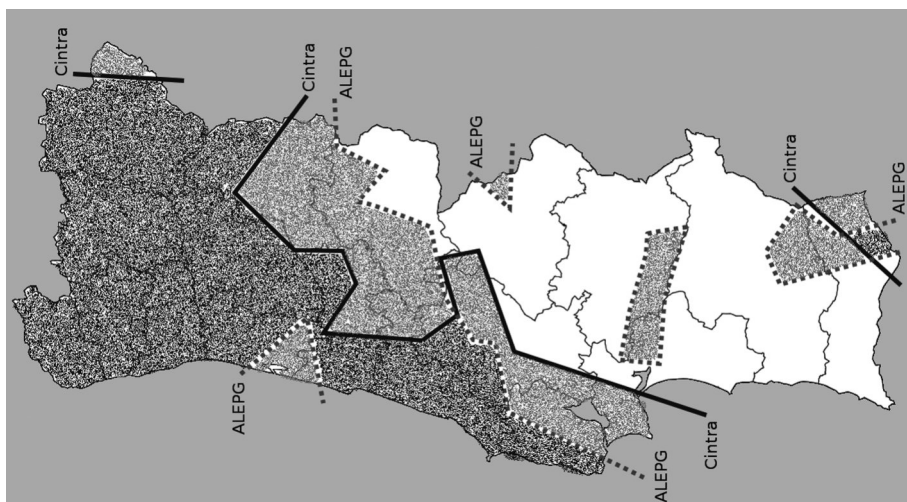


MAPA 26. 'cria da cabra' (Cintra).

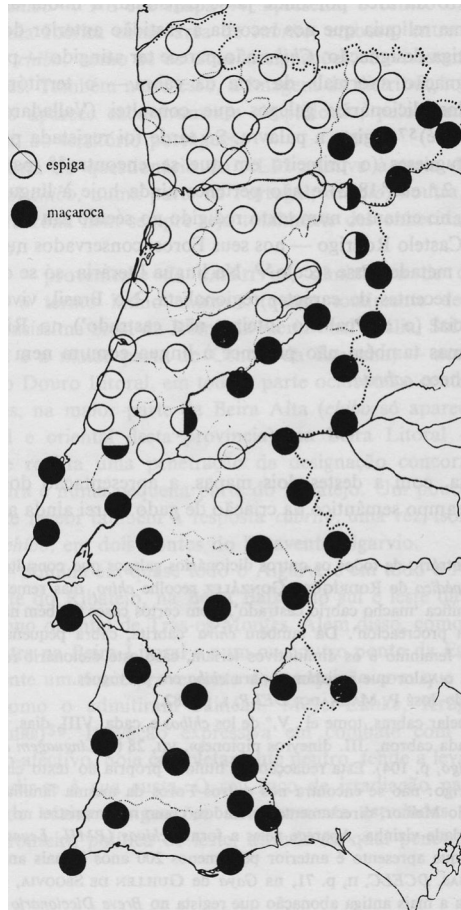
-  **cabrito**
-  **chibo**
-  **godalho**



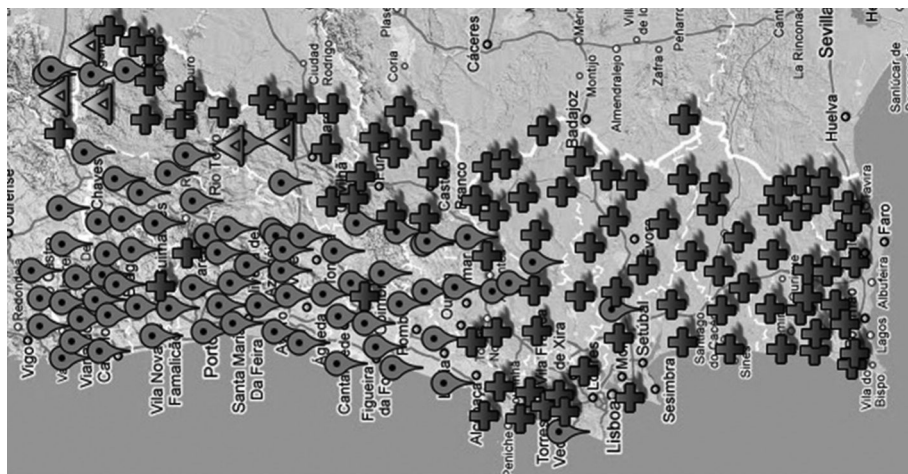
MAPA 29. Extensão de *chibo* (mapa comparativo).



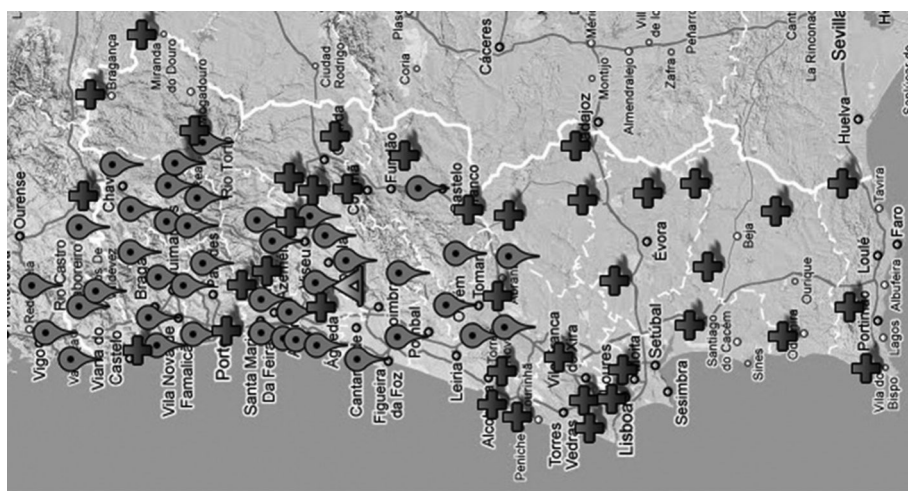
MAPA 28. Extensão de *cabrito* (mapa comparativo).






MAPA 30. 'Espiga do milho' (Cintra)

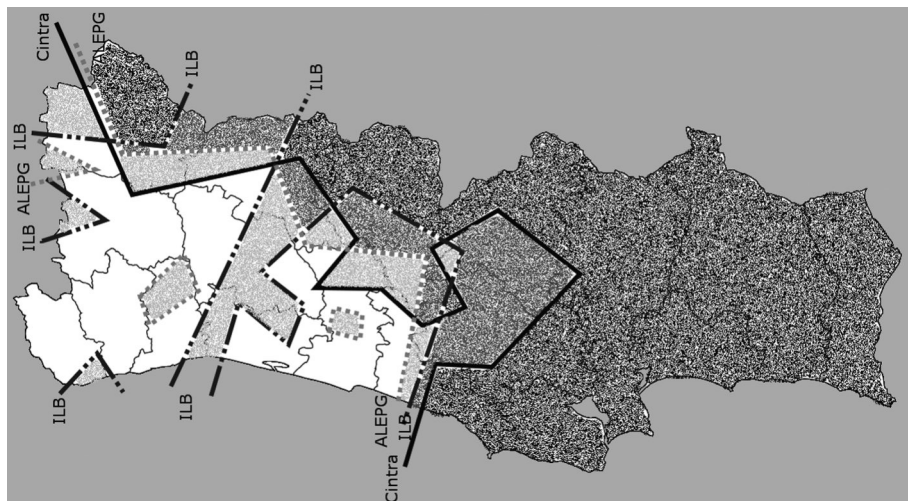


MAPA 32. 'Espiga do milho' (ALEPG)

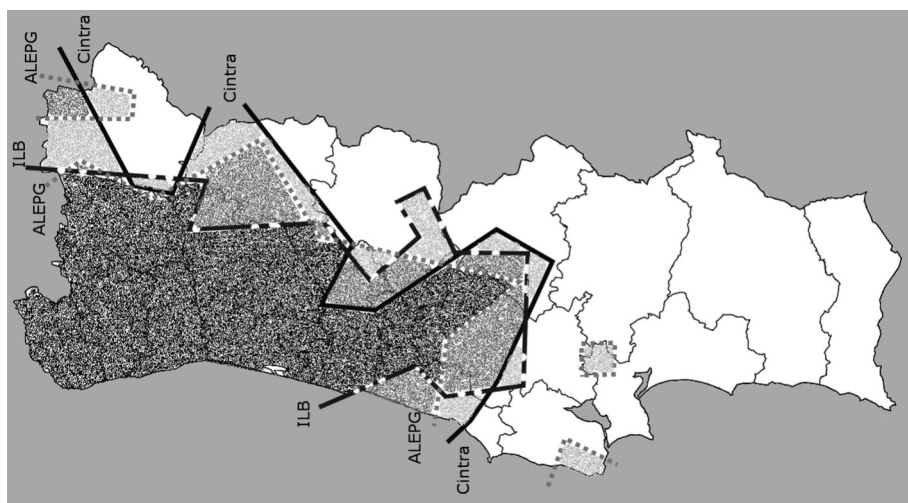


MAPA 31. 'Espiga do milho' (ILB)

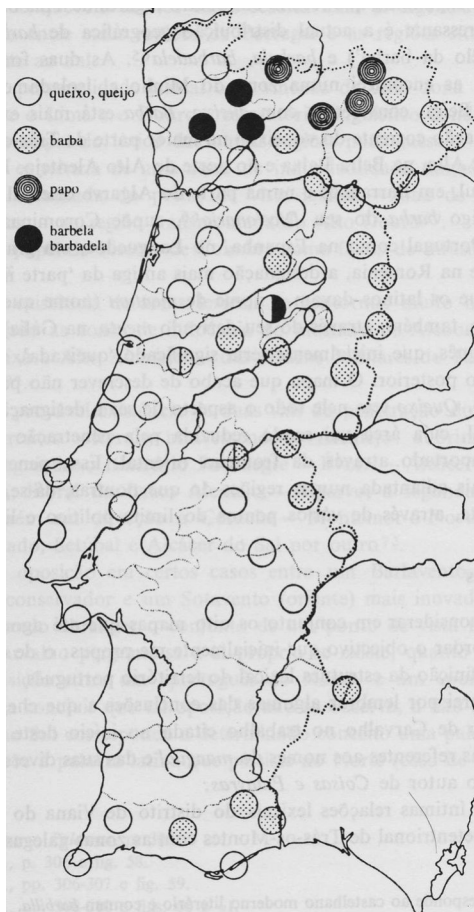
-  **espiga**
-  **maçaroca**
-  **outras respostas**



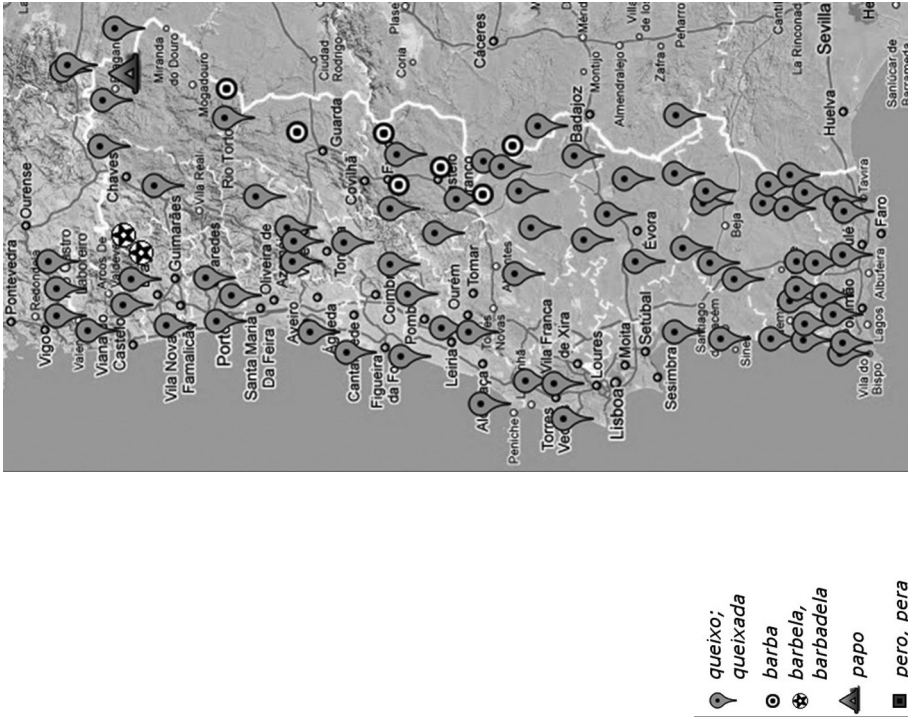
MAPA 34. Extensão do tipo *maçaroca* (mapa comparativo).



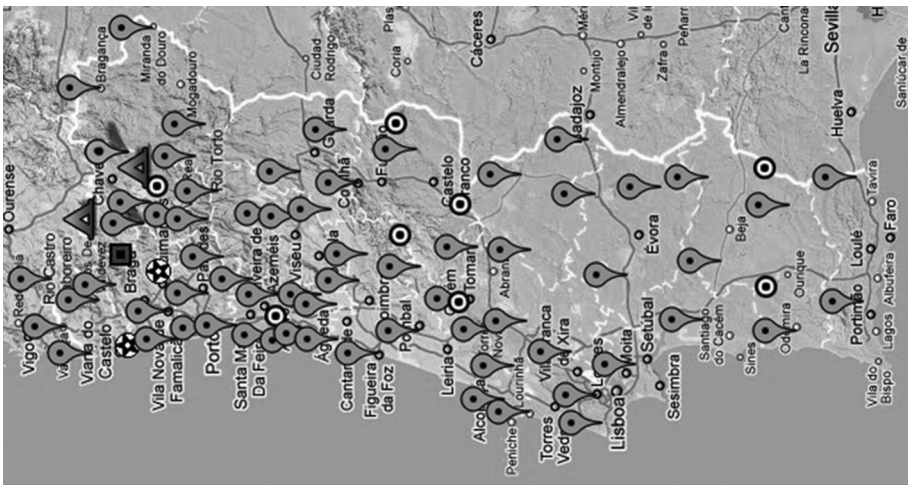
MAPA 33. Extensão do tipo *espiga* (mapa comparativo).



MAPA 35. ‘Parte do rosto proeminente, por baixo do lábio inferior’ (Cintra).



MAPA 37. Parte do rosto por baixo do lábio inferior' (ALEPG).



MAPA 36. 'Parte do rosto por baixo do lábio inferior' (ILB).